

A importância do manual escolar para o professor e alunos de Geografia e de História no 3º Ciclo

Bruno Miguel Sequeira de Abreu Félix Vaz

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História
e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

Outubro de 2014

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e no Secundário realizado sob a orientação científica do Professor
Doutor Carlos Pereira da Silva

Supervisão da prática de ensino da responsabilidade do Professor Doutor Luis Miguel
da Silva Inez Soares (Escola Secundária 2/3 de Alvide) e da Professora Ana Cristina
Schade Vaz Agostinho Tocha (Escola Secundária Quinta do Marquês)

“Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis”

(Delors et. al. 1996: 98)

Agradecimentos

A minha inscrição neste mestrado veio no seguimento dos quatro anos de ligação estabelecida com os alunos e colegas de várias escolas públicas: Escola Secundária da Portela (Sacavém), Escola Secundária Leal da Câmara (Rio de Mouro), Agrupamento de Bucelas, Escola Secundária D. Dinis (Chelas) e Escola Secundária de Camarate.

As relações estabelecidas, o feedback recebido e o gosto pelo exercício da profissão, fizeram-me seguir este caminho que espero seja proveitoso para o meu futuro como docente. A todos os meus ex-alunos e ex-colegas, um grande obrigado!

Não posso deixar de agradecer:

- à minha família e em particular à Verónica por todo o apoio e força que me deu na opção por este novo caminho profissional;
- aos Professores Miguel Soares (Escola Secundária de Alvide) e Ana Vaz (Escola Secundária Quinta do Marquês), pela receção e acompanhamento enquanto professores orientadores da prática de ensino supervisionada, pela sua amizade e atenção constante;
- aos meus colegas de mestrado, em particular à Andreia Alves e ao Rodrigo de Almeida-Fernandes, pela sua amizade e ajuda constante;
- ao meu amigo Professor Doutor Carlos Pereira da Silva, que independentemente do pouco tempo que lhe resta pela dedicação constante à FCSH, aceitou ser meu orientador... pela segunda vez;

Obrigado!

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

A IMPORTÂNCIA DO MANUAL ESCOLAR PARA O PROFESSOR E ALUNOS DE GEOGRAFIA E DE HISTÓRIA NO 3º CICLO

BRUNO VAZ

Resumo

PALAVRAS-CHAVE: Recursos Didáticos, Docentes, Discentes

Se outrora o manual escolar era o único recurso disponível nas escolas, atualmente a sua utilização entra em competição com os recursos digitais, mais apelativos e dinâmicos. Estudos existentes demonstram a importância na utilização de ambos os recursos, existindo defensores e críticos para o seu uso. Este relatório não pretendeu entrar nessa discussão, mas refletiu acerca da importância do manual escolar para o professor e para o aluno do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Na minha anterior experiência como docente nunca tinha recorrido à utilização de recursos digitais. Deste modo e no âmbito do estágio realizado em duas escolas diferentes e depois de atribuídas as turmas para Geografia e História, optou-se pela leção das turmas do 8º ano através do manual escolar, ao passo que as turmas do 9º ano foram lecionadas através de recursos digitais.

No final do estágio pude constatar que a utilização de recursos digitais revelou-se proveitosa na transmissão de conhecimentos aos alunos (à semelhança do manual escolar), mas requereu bastante tempo para a sua construção. Foram ainda aplicados 88 inquéritos aos alunos e não obstante os resultados demonstrarem uma ligeira tendência preferencial para a utilização de recursos digitais, a relação estabelecida com o professor e o sucesso na avaliação são aspetos capazes de persuadir essa preferência.

INTERNSHIP REPORT

THE IMPORTANCE OF SCHOOL BOOK FOR TEACHER, GEOGRAPHY AND HISTORY STUDENTS IN 3rd CICLE

BRUNO VAZ

Abstract

KEYWORDS: Teaching Resources, Teachers, Students

If the textbook was once the only available resource in schools, currently its use goes into competition with digital, more appealing and dynamic resources. Existing studies demonstrate the importance of using both resources and there are already supporters and critics of its use. This report did not intend to enter into this discussion, but it reflected on the importance of the textbook for the teacher and for the student of the 3rd cycle of basic education.

In my previous experience as a teacher I had never used digital resources. Thus under the academic internship performed in two different schools and after Geography and History classes were assigned, we chose to teach the 8th grade using the textbook, while the 9th grade classes were taught using digital resources.

At the end of the stage I could see that the use of digital resources has proved effective on passing on knowledge to students (like the textbook), but required a long time for its planning. Eighty eight surveys were also applied to students and despite the results show a slight tendency to the preferential use of digital resources, the relationship established with the teacher and the successful evaluation, are aspects that could persuade this preference.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT	III
INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. A prestação dos docentes em sala de aula e a sua influência nos alunos	3
1.2. A importância dos manuais escolares para os professores e para os alunos	6
1.3. A importância dos recursos digitais para os professores e para os alunos.....	10
2. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DAS ESCOLAS COOPERANTES E DAS TURMAS ATRIBUÍDAS	13
3. METODOLOGIA E INVESTIGAÇÃO	15
4. RESULTADOS.....	16
CONCLUSÃO	32
BIBLIOGRAFIA.....	36
ANEXOS.....	39
ANEXO 1 LISTA DE MANUAIS CERTIFICADOS PARA O ANO ESCOLAR DE 2014/2015	40
ANEXO 2 INQUÉRITO AOS ALUNOS	43

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados – Questão n.º 1 (Parte I)	16
Gráfico 2 – Relação com a Turma	18
Gráfico 3 – Justificação para a relação com a turma	19
Gráfico 4 – Grau de satisfação com a avaliação escrita.....	21
Gráfico 5 – Percentagem de alunos que referiu ausência de pontos fracos no professor.....	22
Gráfico 6 – Pontos fortes atribuídos pelos alunos.....	24
Gráfico 7 – Desempenho geral do professor	24
Gráfico 8 – Grau de satisfação com o recurso utilizado em aula.....	26
Gráfico 9 – Preferência pelo recurso a utilizar em aula.....	27
Gráfico 10 – Preferência pelo recurso a utilizar no estudo	28
Gráfico 11 – – Recurso que melhor faz compreender a matéria ao longo da aula	30

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Principais pontos fracos atribuídos pelas turmas	22
Tabela 2 – Justificação relacionada com o recurso utilizado em aula	26
Tabela 3 – Justificação relacionada com o recurso preferido para estudar	29

Introdução

A aquisição de manuais escolares pelas famílias com filhos em idade escolar durante os meses de agosto e setembro constitui uma obrigação que demora pelo menos oito anos a desvincular. Os encargos inerentes à sua aquisição aumentam de ano para ano e são elevadíssimos quando se constroem as contas finais. Parte do investimento na educação de cada um de nós, passou pela compra e consequente aprendizagem feita através de variadíssimos manuais escolares, pelo que eles assumem impreterivelmente um papel de relevo no universo escolar. Neste sentido e em termos pessoais, sempre me foi incutida a sua presença como sendo uma referência enquanto aluno e um guião a partir do momento em que me tornei professor.

Um dos objetivos deste trabalho passa assim pela experimentação de novos recursos em sala de aula que até então me eram ignorados no que respeita a sua utilização. Tal facto deveu-se ao hábito adquirido pela utilização constante do manual escolar, que cedo me proporcionou a organização necessária para o bom desempenho da função, razão pela qual este facto aliado ao sucesso dos alunos e ao bom feedback recebido dos mesmos, nunca desencadeou a necessidade de na minha atividade de docente optar por um recurso digital, que considerava igualmente de tempo e construção morosa. Desta forma, será importante constatar se através da utilização de recursos digitais em sala de aula, a minha prestação se mantém idêntica, em relação quando comparada à lecionação exclusiva através do manual escolar, a qual me sinto totalmente confortável.

Outro dos objetivos passa por avaliar a opinião dos alunos relativamente à importância que atribuem ao manual escolar. Sabendo-se que os recursos digitais são bastante mais dinâmicos, existindo uma cada vez maior familiarização com a informação digital, e que a tendência pelo uso dos mesmos é de uma forma geral cada vez mais recorrente, importa avaliar se a preferência dos alunos recai sobre o manual escolar ou sobre os recursos digitais. Para se poder constatar este objetivo e no âmbito do estágio efetuado na Escola Secundária 2/3 de Alvide e na Escola Secundária Quinta do Marquês, foram aplicados oitenta e oito inquéritos (que serviram de apoio ao trabalho) aos alunos das turmas atribuídas de Geografia e História do 8º ano (lecionados através do manual escolar) e 9º ano (lecionados através de recursos digitais). Embora para uma análise estatística mais robusta,

a amostra precisasse de uma maior dimensão, os resultados obtidos podem ser encarados como um estudo preliminar, que pode e deve ser desenvolvido de forma mais ampla.

Neste sentido o presente relatório encontra-se estruturado com um primeiro ponto de enquadramento teórico, que aborda vários conceitos que se considera serem pertinentes, subdivididos em três pontos principais. No primeiro subponto é abordada a importância dos manuais escolares para os professores e alunos, é feita uma evolução simplificada e histórica do manual escolar, discute-se acerca da sua função e constata-se algumas vantagens/desvantagens da sua utilização. No segundo subponto é analisada a importância dos recursos digitais para o professor e alunos, podendo destacar-se o desenvolvimento das TIC, as suas vantagens e desvantagens. O terceiro subponto aborda a prestação dos docentes em sala de aula e a consequente influência para os alunos. Neste subponto será ainda, entre outros, desenvolvida a questão em torno do perfil de um bom professor.

No segundo ponto do relatório é feita a caracterização sumária das escolas cooperantes e das turmas atribuídas e no terceiro ponto é descrita a metodologia utilizada para a execução deste trabalho, onde se insere a elaboração e estrutura adotada para os inquéritos.

O quarto ponto compreende os resultados, mais precisamente a análise dos inquéritos, onde é feito um tratamento primário dos resultados obtidos por parte dos alunos.

O último ponto deste trabalho constitui a conclusão, constituindo uma reflexão com base nos resultados alcançados quer através da experiência pessoal com a utilização de dois recursos distintos, quer através da opinião dos alunos, tendo por base os inquéritos realizados.

Este trabalho servirá também de contributo ao meu desenvolvimento pessoal como docente, não apenas pela experimentação em aula de novas ferramentas de transmissão de conhecimentos, como é o caso dos recursos digitais, mas também pelo feedback dos alunos proveniente dos inquéritos no que concerne à minha prestação como professor.

1. Enquadramento Teórico

O presente capítulo pretende abordar e problematizar alguns conceitos já abordados por alguns autores (Terrasêca, 1996; Tormenta, 1999; Martinha, 2008 e 2010; Lima, 2010) e que se encontram diretamente relacionados com a utilização do manual escolar por parte dos professores e dos alunos. Dado o interesse comparativo para este projeto entre manual escolar e recursos digitais e, sendo igualmente importante refletir acerca da prestação dos docentes em sala de aula, optou-se por dividir o “estado da arte” em três partes: 1.1. A prestação dos docentes em sala de aula e a sua influência nos alunos; 1.2. A importância dos manuais escolares para os professores e para os alunos; 1.3. A importância dos recursos digitais para os professores e para os alunos;

1.1. A prestação dos docentes em sala de aula e a sua influência nos alunos

Independentemente da utilização do recurso A ou B para transmissão de conhecimentos, é primordial que os docentes apresentem aptidão para o exercício da função, indispensável tal como o saber científico, para o sucesso da aprendizagem dos alunos. De acordo com Rico (2010) um bom professor deve atualmente possuir (entre outros) *...competências técnicas, cognitivas, científicas, pedagógicas, sociológicas, psicológicas, comportamentais, humanistas, como também deve saber relacionar-se com os outros em completa socialização, com justiça, equidade e solidariedade...* (p.310). Todas estas virtudes deste “super professor” não são fáceis de reunir, muito embora todas elas sejam importantes para uma relação harmoniosa entre os docentes e toda a comunidade escolar.

Os últimos anos trouxeram grandes mudanças no Ensino e consequentemente na função e valorização do professor. Atualmente *...o professor desempenha mais funções na escola...* (Rico 2010: 300) efetuando serviços de administração e gestão, realizando reuniões de coordenação, vigilâncias, orientação de alunos, atendimento aos pais, etc. ao contrário do professor de antigamente, no qual a sua identidade *...estava mais fortalecida pela valorização social...* (Rico 2010: 300) e a sua função consistia fundamente em instruir. Estas alterações acompanhadas por um aumento da responsabilidade, tensões no seio da profissão e dificuldades em exercer autoridade (Rico 2010: 300) tornam a docência uma profissão menos apetecível, pelo que é fundamental que os professores disponham

presentemente, para além do conhecimento científico e didático, um atributo primordial para o exercício da função: vocação. Esta vocação assenta fundamentalmente no gosto em ensinar e no saber ensinar, atributos potenciados pelo gosto da aprendizagem dos educandos. Esta inclinação para o desempenho da profissão facilitará entre outros, *...a possibilidade de se estabelecer uma relação professor – aluno... que ...acontece pela capacidade do professor canonizar o seu aluno, a sua profissão e estabelecer com ele um vínculo afetivo...* (Menezes, p.61). Para que tal aconteça é fundamental que o docente seja sensível às dificuldades e interesses dos seus alunos e mostre disponibilidade quando solicitado, estabelecendo assim uma relação agradável, que poderá ter repercussões positivas ao nível do aproveitamento escolar e que será proveitosa na gestão de problemas comportamentais que possam entretanto despontar.

No entanto, o facto de os professores terem de lidar com vários alunos em simultâneo, com características e comportamentos diferenciados e por vezes imprevisíveis, impossibilita a capacidade de chegar a todos os educandos com a mesma disponibilidade, pelo que uma das práticas que pode ser utilizada em sala de aula para colmatar essa situação é o reforço positivo que sendo dirigido de forma díspar, pode ser bastante eficaz, surtindo efeito em alunos com maiores e menores dificuldades de aprendizagem e contribuindo igualmente para uma boa relação entre ambos. Esse incentivo feito nomeadamente através da motivação traduz excelentes resultados verificando-se que surtiu efeito *...quando o aluno encontra razão suficiente para o trabalho que realiza, quando lhe aprecia o valor e percebe que os seus esforços o levam à realização do ideal desejado...* (Menezes, p.26).

De acordo com o estudo realizado por Rico (2010) e tendo em conta a opinião de docentes, alunos e encarregados de educação, foi delineado o **desenho do perfil do bom professor** (p.310), tendo-se chegado à conclusão que os docentes atuais possuem as seguintes características:

- Ter competências técnicas, científicas, pedagógicas, sociológicas e psicológicas;
- Todos estes atributos dizem respeito a um professor ideal e só depois a um real;
- Ter competências técnicas, cognitivas, científicas, pedagógicas, sociológicas, psicológicas, comportamentais, humanistas, como também deve saber relacionar-se com os outros em completa socialização, com justiça, equidade e solidariedade;
- Domina as técnicas de comunicação;

- É um mentor na orientação e educação dos alunos;
- Deve revelar uma atitude inconformista nos hábitos, nos saberes e técnicas;
- Atento e adaptável às mudanças na sociedade e na escola;
- Revela exigência, rigor, autoconfiança, segurança e disciplina.

Pelos motivos já apontados no início deste subcapítulo e que podem influenciar negativamente a prestação do docente, a mesma autora refere que *...os alunos estão cientes das mudanças que se têm gerado na escola e conscientes que a função docente se alterou, sobretudo na componente mais social que o professor desempenha, referindo que uma das vantagens é a humanização e a proximidade que têm aos professores...* (p.154), pelo que tendo em conta esta perceção dos discentes e sendo difícil encontrar docentes que apresentem todas as características atribuídas ao perfil de um bom professor, a ausência de algumas delas podem ser compensadas caso se consiga um equilíbrio na relação entre o professor e o aluno, o que poderá ser igualmente propícia à aprendizagem e sucesso escolar dos mesmos.

Um docente sem gosto pelo exercício da sua profissão, possivelmente não será um bom profissional, podendo mesmo ser um entrave à formação, aprendizagem e sucesso escolar dos seus alunos. De dia para dia as exigências são cada vez maiores, assim como a competição por um lugar no ensino. *...A importância do papel do professor enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mútua e a tolerância nunca foi tão patente como hoje em dia... sendo ...enormes as responsabilidades dos professores a quem cabe formar o carácter e o espírito das novas gerações...* (Delors et. al. 1996: 152 e 153).

Não nos esqueçamos, que os professores são pessoas normais, com a difícil tarefa de formar indivíduos. Tal como aconteceu com todos nós, o destino dos nossos alunos é também ele incerto, mas numa turma poderemos encontrar um futuro médico, investigador, juiz, político, desportista, mecânico, etc. A verdade é que acabamos por ter sempre um pequeno peso, embora momentâneo na vida de cada aluno, que poderá ficar marcado pela positiva ou pela negativa. Para o melhor e para o pior servimos de modelo, mas não passamos de um agente de transmissão de conhecimentos a viver numa realidade que se revela de ano para ano, mais desencorajadora e desmotivante, mas que nos exige uma presença forte e determinante em frente dos nossos alunos. Porque eles são o nosso futuro!

1.2. A importância dos manuais escolares para os professores e para os alunos

Ao longo dos últimos anos de ensino em Portugal e, independentemente de toda a tecnologia existente atualmente, o manual escolar permanece como o recurso didático mais comum, pelo que, *...continua a ser o rei de todos os instrumentos didáticos...* (Tormenta 1966: 199). De acordo com o Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 novembro, que estabelece o sistema de adoção, o período de vigência e o regime de controlo de qualidade dos manuais escolares, Artigo 1º, alínea 3, *...entende-se por manual escolar o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e **dirigido ao aluno**, que visa contribuir para o desenvolvimento de capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor, apresentando a informação básica, correspondente às rubricas programáticas, podendo ainda conter elementos para o desenvolvimento de atividades de aplicação e avaliação da aprendizagem efetuada....*

Ao longo das últimas décadas, os manuais escolares têm vindo a registar profundas alterações, consequência das transformações políticas, económicas e sociais que se foram instituindo. Um dos exemplos mais marcantes foi a abolição do livro único para o ensino liceal após 1974, onde até então o manual escolar ocupava um lugar de destaque para o Estado, que o usava como instrumento de transmissão dos seus ideais, interesses políticos e económicos. A democratização do ensino propiciou com o passar dos anos a propagação da oferta de manuais escolares passando as editoras a exercer um forte poder de negociação com as escolas. O elevado número de editoras e a consequente oferta de manuais traduz-se hoje numa forte concorrência. A título de exemplo, para o ano letivo de 2014/2015 e no que respeita à disciplina de geografia, encontram-se disponíveis 13 manuais para o 7º ano, distribuídos por nove editoras, 12 manuais para o 8º ano, distribuídos por oito editoras e sete manuais para o 9º ano, distribuídos de igual modo por sete editoras. Relativamente à disciplina de história a situação é muito semelhante, existindo nove manuais para o 7º ano, oito manuais para o 8º ano e sete manuais para o 9º ano, distribuídos por sete editoras. Deste modo, no momento de adoção de um manual são utilizadas várias “armas” pelas empresas editoriais para convencer o Corpo Docente e os Departamentos das escolas. Sendo obrigação das escolas a adoção de manuais certificados, que aspetos podem ser estudados na escolha de um manual? O Ministério da Educação e Ciência disponibiliza para este efeito grelhas de preenchimento obrigatório de análise global de três grandes parâmetros:

Organização e Método; Informação e Comunicação; e Características Materiais para justificar a adoção por parte das escolas¹. Porém, há uma noção geral que na maior parte dos casos essas grelhas não são totalmente seguidas e a escolha dos manuais é feita ponderando igualmente três aspetos: **1)** o contexto socioeconómico dos alunos, pelo que em escolas que comportam maioritariamente alunos carenciados, de famílias com fraca capacidade financeira, tem-se em consideração o preço do manual (muito embora o custo de aquisição seja atualmente muito semelhante entre editoras). **2)** Dada a analogia entre bairros carenciados e alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, procura-se igualmente selecionar um manual que disponibilize um tipo de linguagem adequada à idade e que faculte imagens cativantes, fundamental para estimular e motivar os alunos, o que vai de encontro ao parâmetro Informação e Comunicação da grelha elaborada pelo Ministério da Educação e Ciência. De acordo com Martinha (2010), *...os manuais escolares diferem substancialmente entre si, e (...) apesar dessa tendência geral, há manuais escolares que oferecem ao aluno um conjunto de atividades mais diversificadas e cognitivamente mais desafiantes que outros...* (p.15). Muito embora este não seja um aspeto a ter em conta segundo as diretivas disponibilizadas pelo Ministério da Educação e Ciência, existem estudos que sensibilizam para esta situação. Citando Martinha (2008) *...Maria Odete Valente utilizou uma tipologia (...) constituída por três eixos: eixo sociocultural e ideológico (onde se analisam as questões relacionadas com as os valores, o sexo, classes sociais e a localização geográfica), o eixo científico e o eixo pedagógico...* (p.32). A adoção de um manual tendo em atenção a tipologia de aluno predominante na escola, poderá resultar numa melhor aprendizagem e, conseqüentemente, em melhores resultados escolares; **3)** a quantidade e qualidade dos materiais direcionados para o professor (planificações, planos de aula, grelhas de avaliação, exercícios de avaliação, atividades, espaço na internet com outros recursos, etc.).

Se o primeiro e segundo pontos são percetíveis e de pouca contestação, o mesmo não acontece com o terceiro. De facto, este fator pode ser decisivo na adoção do manual, deixando para segundo plano quem realmente importa, o aluno. Será então que o manual escolar é atualmente **dirigido para o aluno**? Aparentemente, para além de servir de instrumento de estudo para os alunos e de elemento de acompanhamento para os pais , é

¹ Grelha disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=355#i>

uma ferramenta de orientação para o docente, concluindo, *...uma referência pedagógica essencial para os alunos e professores...* (Lima 2010: 5). Porém, os últimos anos de reestruturação no Ensino, com severos cortes orçamentais, conduziram, entre outros, à redução de disciplinas como Área de Projeto, impuseram o aumento do número de alunos por turma e obrigaram professores que têm cargos de direção a lecionar (embora com horário reduzido), fatores que contribuíram para que o corpo docente das escolas tenha reduzido substancialmente. Deste modo e para os docentes que se encontram a lecionar, a carga de trabalho escolar e administrativo aumentou, distanciando-os dos alunos e da preparação de materiais para utilizar em aula. Neste sentido, as “oferendas” de materiais já elaborados por parte das editoras acaba por ter um efeito muito positivo para o professor, importante no momento de decisão da adoção de um manual escolar.

Porém, quando adotado e sendo este um recurso muito importante para o Docente no que concerne, por exemplo, à orientação da lecionação da matéria, poderá de acordo com alguns autores (Terrasêca, 1996; Tormenta, 1999) ter algum efeito pernicioso, podendo em último caso a longo prazo a sua utilização tornar-se num defeito para o professor. Assim importa focar com alguma atenção uma questão central e constantemente debatida no universo dos manuais escolares: a dependência excessiva do manual pelo docente. Terrasêca (1996) aponta vários inconvenientes para os professores afirmando que o manual pode em casos extremos, controlar o docente impondo limites à sua criatividade, podendo por em causa um sentimento de que o professor pode ser facilmente dispensável (p.86). Ainda neste sentido, Tormenta (1999) refere que *...a relação que os professores estabelecem com os manuais escolares, hipoteticamente benéfica, acaba por deteriorar os processos de ensino-aprendizagem e a evolução da escola...* (p.199).

De facto, o manual escolar não deve ser visto como detentor da verdade, mas sim como comentador de determinado conteúdo. Os docentes deverão saber criticar e utilizar essa informação disponibilizada como complemento aos seus conhecimentos científicos, ou seja, deverão ser capacitados para *...mobilizar os recursos do manual de modo a construir o seu discurso científico, sem contudo, limitar-se a ser um mero repetidor literal do manual escolar...* (Martinha 2008: 25), e tendo em consideração as três utilidades fundamentais do manual que, de acordo com Seguin (1989: 22-23), são as seguintes:

- 1) *Une fonction d'information;*

2) *Une fonction de structuration et d'organisation de l'apprendissage;*

3) *Une fonction de guidage de l'apprendissage;*

Para reforçar ainda mais esta teoria, o mesmo autor refere que é fundamental ter presente que os manuais são elaborados de acordo com os conhecimentos científicos de um ou mais autores e que, muitas vezes, se cingem ao conhecimento que os próprios têm da realidade, podendo essa percepção ser comparativamente diferente à de outros (p.31).

Para o aluno, o manual escolar exerce essencialmente as funções de orientação (acompanhamento da matéria) e de estudo (sobretudo fora do ambiente escolar). Representa um *...recurso pedagógico-didático, capaz de fomentar o desenvolvimento de competências...* (Gonçalves 2011: 54). De acordo com um estudo efetuado pela autora, aulas que foram lecionadas através do manual escolar (e recursos anexos ao mesmo), obtiveram resultados de avaliação superiores, comparativamente a outros alunos que utilizaram outros recursos para além dos disponibilizados pelo manual escolar, concluindo-se assim que para a autora, o manual escolar e os recursos a ele anexos, dão uma maior garantia no sucesso escolar dos alunos.

É neste sentido que, e muito embora exista uma grande crítica ao uso excessivo do manual escolar, não nos podemos esquecer que o mesmo é fundamental e *...desempenha uma função importante no processo educativo, constituindo um instrumento capaz de promover o desenvolvimento de competências...* (Gonçalves 2011: 58), nos alunos. Não nos esqueçamos que para o aluno o professor não se encontra permanentemente presente, ao contrário do manual escolar, que pode acompanhar o aluno para todo o lado, exibindo-se como um recurso didático de consulta importante, quer seja na hora do estudo ou na elaboração de trabalhos individuais e/ou de grupo. É no entanto fundamental que o docente doutrine o aluno na correta forma de utilização deste recurso, sendo fundamental *...adotar uma postura atenta, reflexiva e interventiva em torno desta temática. Isto porque (...) as potencialidades de um manual escolar dependem da intervenção e da exploração que o professor efetua...* (Gonçalves 2011: 58).

O manual escolar nada mais é do que um compêndio de vários saberes, que devem ser trabalhados, adquiridos e compreendidos por todos aqueles que se encontram em formação. Cabe a cada professor procurar a melhor forma de transmitir esses

conhecimentos, apoiando-se nos recursos disponibilizados, mas nunca caindo na sua total dependência, sob pena dos efeitos negativos que daí podem advir.

1.3. A importância dos recursos digitais para os professores e para os alunos

A par do manual escolar e derivado do desenvolvimento tecnológico ocorrido durante as últimas décadas, o uso de recursos digitais dentro da sala de aula institucionalizou-se e é atualmente utilizado de forma bastante comum por parte dos docentes e dos alunos. De dia para dia as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vão marcando cada vez mais uma maior presença junto de todos nós e compete ao professor como formador, integrar estas ferramentas no processo de aprendizagem dos seus educandos.

Porém, este recurso à tecnologia obriga os docentes a estarem constantemente a par das inovações de modo a saberem trabalhar com elas e a utilizá-las nas suas aulas. Se a maior parte dos alunos já está familiarizada com as TIC, uma vez que desde cedo lidam com tecnologia, existem ainda por parte de alguns professores uma resistência à sua utilização. De uma forma geral, são os docentes mais novos que recorrem sem qualquer limitação às TIC, ou não necessitando das mesmas para as suas aulas, sabem como trabalhar com elas.

As TIC são reconhecidas por trazerem um certo dinamismo às aulas, fruto do apelo visual, som e movimento das apresentações, facilitando uma maior interação e interesse dos alunos pelas matérias lecionadas. De acordo com Menezes (2012), *...a investigação mostra que a utilização das TIC para fins pedagógicos é um fator de motivação e de inovação educativa...* (p.56). O computador, a internet, o vídeo, o som e as redes de plataforma (ex.: Moodle), são as TIC mais utilizadas como recurso didático no contexto escolar. Não obstante ser um recurso mais dinâmico quando comparado com o manual escolar, é sempre importante uma escolha acertada e uma construção ponderada dos recursos a utilizar em aula de modo a captar a atenção dos alunos. O facto de nos últimos anos as editoras, para além do manual escolar, disponibilizarem (em suporte de CD, *pen drive*, ou em sítio próprio na internet), uma panóplia bastante variada destes recursos (em *PowerPoint*, vídeos, imagens, notícias, etc.), e que abrangem praticamente todos os temas a lecionar, facilitam ao professor a árdua tarefa da construção desses mesmos materiais. De uma forma geral,

eles são bastante apelativos, bem construídos e motivadores, fatores fundamentais para o sucesso da aprendizagem dos alunos.

No entanto, persistem na realidade escolar portuguesa, algumas escolas com grandes dificuldades infraestruturais a este nível *...que limitam e prejudicam o uso das tecnologias digitais e, mais grave que isso, desmotivam os professores que desistem de usar determinados recursos quando ocorrem problemas técnicos seguidos...* (Savi 2009: 9). Esta é infelizmente uma situação muito comum, nomeadamente quando uma aula é planeada com recurso à internet e no momento esse recurso não se encontra disponível, podendo gerar *...frustração nos alunos e constrangimento ao professor ...* (Savi, p.9).

Um dos recursos digitais mais utilizados em sala de aula é o PowerPoint. Este e no caso das disciplinas de Geografia e de História é utilizado pelos docentes fundamentalmente para a exposição de conteúdos recorrendo ao videoprojector ou ao quadro digital. Porém e à semelhança do que fora apontado no subponto anterior (1.1) relativamente ao uso abusivo do manual escolar, o uso excessivo do PowerPoint pode ser propício a que os alunos tendam *...a deixar de prestar atenção depois de algum tempo da projeção simples de slides...* (Sousa, p.26), razão pela qual uma apresentação deve ser dinâmica incluindo também *...vídeos, imagens, jogos interativos, ligações para páginas Web...* (Sousa 2013: 26) etc., de modo a que se tornem mais agradáveis para os alunos. Ferreira (2010) refere que *...se os recursos audiovisuais estiverem bem enquadrados no tema em estudo, e se o professor tiver uma boa capacidade para o explorar, os recursos audiovisuais podem e devem ser um poderoso aliado ao serviço dos docentes e dos alunos no processo ensino/aprendizagem...* (p.71).

Poder-se-á assim considerar que as TIC podem constituir uma ferramenta fundamental para o ensino atual. O estudo realizado por Menezes (2012), revela que alunos lecionados com recurso às TIC espelham maiores índices de motivação, concentração e aprendizagem, referindo ainda o mesmo autor que as TIC são benéficas para a relação aluno – professor (p.103).

De acordo com um estudo de 2014 realizado pelo Observatório dos Recursos Educativos *...dever-se-á apostar na complementaridade entre os recursos digitais e os recursos educativos tradicionais, como o uso de lápis/esferográfica e papel, ou de manuais escolares impressos ou outros livros, não preterindo, assim, por princípio, qualquer dos dispositivos didáticos disponíveis...* (p.12).

Poder-se-á assim considerar que os recursos digitais, pelo forte dinamismo que trazem para as aulas, têm a capacidade de causar um estímulo positivo aos alunos na aprendizagem dos conteúdos. A sua utilização alternada com outros recursos, como o manual escolar, revela-se positiva no ambiente de sala de aula e contribui para o sucesso escolar dos alunos.

2. Caracterização sumária das escolas cooperantes e das turmas atribuídas

A Prática de Ensino Supervisionada decorreu no primeiro semestre na Escola Secundária de Alvide em Cascais (Geografia) e no segundo semestre na Escola Secundária Quinta do Marquês em Oeiras (História).

No que respeita ao contexto escolar e de acordo com o Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas de Alvide (2013-2014), tem-se vindo a verificar um elevado número de alunos matriculados carenciados nos anos letivos mais recentes (p.6). O mesmo documento aponta as principais fragilidades da população escolar (p.7):

“- Grande incidência de ambientes familiares desestruturados, muitos deles acompanhados pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Cascais;

- Tendência cultural para o abandono escolar;*
- Falta de motivação para a aprendizagem sistematizada;*
- Indisciplina e dificuldade no cumprimento de regras elementares;*
- Dificuldades na aquisição e aplicação de competências nos domínios da Língua Portuguesa e da Matemática;*
- Necessidade de ofertas educativas diversificadas;*
- Dificuldades de ligação Escola - Família;*
- Pouca ligação da escola ao meio envolvente;*
- Níveis insuficientes de participação, motivação e envolvimento de muitos pais e encarregados de educação”.*

É neste sentido e de acordo com informações fornecidas pelo professor da turma e orientador da prática de ensino supervisionada (Professor Doutor Miguel Soares), que parte significativa dos alunos das turmas lecionadas são originários de famílias com baixo nível escolar e económico, provenientes da freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais.

Relativamente ao contexto escolar da Escola Secundária Quinta do Marquês e de acordo com o Projeto Educativo da Escola (2012-2015), os alunos são “provenientes das urbanizações que rodeiam a escola e das localidades mais próximas (...), com uma origem sociocultural de classe média, com uma proporção significativa de pais com qualificações académicas a nível de ensino superior e apenas uma pequena percentagem de alunos com apoio social escolar (9,9%)” (p.5).

As características gerais das turmas atribuídas foram as seguintes:

- Alvide: **8º1**, constituída por vinte alunos, duas retenções, uma média de idades de treze anos, dez indivíduos do sexo masculino e dez do sexo feminino;
- Alvide: **9º3**, constituída por vinte e seis alunos, dez retenções, uma média de idades de quinze anos, catorze indivíduos do sexo masculino e doze do sexo feminino;
- Quinta do Marquês: **8ºD**, constituída por vinte alunos, sem retenções, uma média de idades de 13 anos, dez indivíduos do sexo masculino e dez indivíduos do sexo feminino;
- Quinta do Marquês: **9ºC**, constituída por vinte e sete alunos, uma retenção, uma média de idades de catorze anos, treze indivíduos do sexo masculino e catorze indivíduos do sexo feminino;

No que respeita aos conteúdos programáticos em Geografia, foi lecionado no 8º ano o tema da Estrutura Etária da População (dando seguimento às aulas do Professor Cooperante) e o tema das Migrações, ao passo que para o 9º ano foram dados os conteúdos referentes aos Transportes e Telecomunicações, matéria correspondente ao ano transato, mas que tinha ficado por lecionar.

Na prática de História foram abordados os temas da Revolução Agrícola no 8º ano e a II Grande Guerra Mundial no 9º ano.

O facto da prática de ensino supervisionada ter sido realizada em duas escolas diferentes, tornou-se uma mais-valia para os resultados deste projeto, uma vez que as escolas estão inseridas em meios distintos, sendo clara algumas disparidades entre elas, podendo-se considerar que de uma forma geral os discentes da Quinta do Marquês revelaram uma maior capacidade de trabalho, são mais interessados e aplicados, divulgaram uma forte união e cooperação como grupo. Relativamente a Alvide, foi igualmente notória uma diferenciação entre a turma do 8º ano e a turma do 9º ano, nomeadamente ao nível comportamental entre alunos o que revelou uma maior desunião na turma do 9º ano. Na mesma escola foi ainda evidente um maior desinteresse ao nível do cumprimento das tarefas extra aula (ex.: TPC) e muito embora as aulas fossem participativas, as observações e as questões colocadas foram mais conexas na Escola Secundária Quinta do Marquês.

Dada esta disparidade entre duas realidades bem distintas espera-se que os resultados venham a ser enriquecedores para o tema de trabalho proposto.

3. Metodologia e Investigação

Sendo o propósito deste estudo averiguar a importância do manual escolar para o professor e para os alunos do Ensino Básico, optou-se por na prática de ensino supervisionada lecionar os alunos do 8º ano de ambas as escolas com recurso ao manual escolar, ao passo que os alunos do 9º ano foram lecionados utilizando recursos digitais construídos pelo professor. O método mais correto seria a aplicação de ambos os recursos em cada uma das turmas, porém o número de aulas supervisionadas por turma (dez) é muito reduzido para que se possam utilizar os dois recursos e daí os alunos retirarem as respetivas ilações. Como existiu a possibilidade de lecionar níveis iguais em ambas as disciplinas, a opção adotada pareceu ser a mais viável.

Relativamente às turmas do 8º ano, o manual utilizado para Geografia foi – À Descoberta (tema C e D) da editora Santillana e para História - Descobrir a História 8, da Porto Editora.

No final da prática, cada aluno preencheu um inquérito (Anexo 2), constituído por nove questões e dividido em duas partes distintas: a primeira, composta por cinco questões relativas à prestação do professor e a segunda, formada por quatro questões referentes ao manual escolar e ao recurso utilizado em aula.

Na Escola Secundária EB 2/3 de Alvide, foram realizados quarenta e três inquéritos nos dias 16 de dezembro de 2013 (8º1) e 17 de dezembro de 2013 (9º3) e na Escola Secundária Quinta do Marquês mais quarenta e cinco inquéritos nos dias 28 de março de 2014 (9ºC) e 4 de abril de 2014 (8ºD), o que traduziu um total de 88 inquéritos realizados para este estudo.

Importa também referir que no total, cinco alunos não preencheram o questionário, uma vez que não estiveram presentes na aula em que o mesmo foi distribuído, não tendo existindo possibilidade do seu preenchimento posterior.

4. Resultados

O inquérito elaborado compreendeu duas partes distintas, sendo a primeira relacionada com a prestação do docente em sala de aula. Esta primeira parte será importante na medida em que permitirá saber se os alunos sentem diferenças entre uma prestação de um mesmo docente com recurso ao manual e uma prestação com auxílio aos recursos digitais. Importa referir que entre os anos letivos de 2009/2010 e 2011/2012 estive a lecionar em várias escolas públicas, tendo quase exclusivamente por hábito o recurso ao manual escolar, razão pela qual o conforto em preparar e utilizar recursos digitais é menor comparativamente ao emprego do manual.

A primeira questão prende-se assim com a avaliação dos alunos no que respeita à transmissão de conhecimentos em sala de aula:

“1. Tendo em conta a matéria lecionada, de que forma consideras que o professor Bruno soube transmitir a matéria à turma? Refere o porquê, no caso de a resposta ser negativa.”

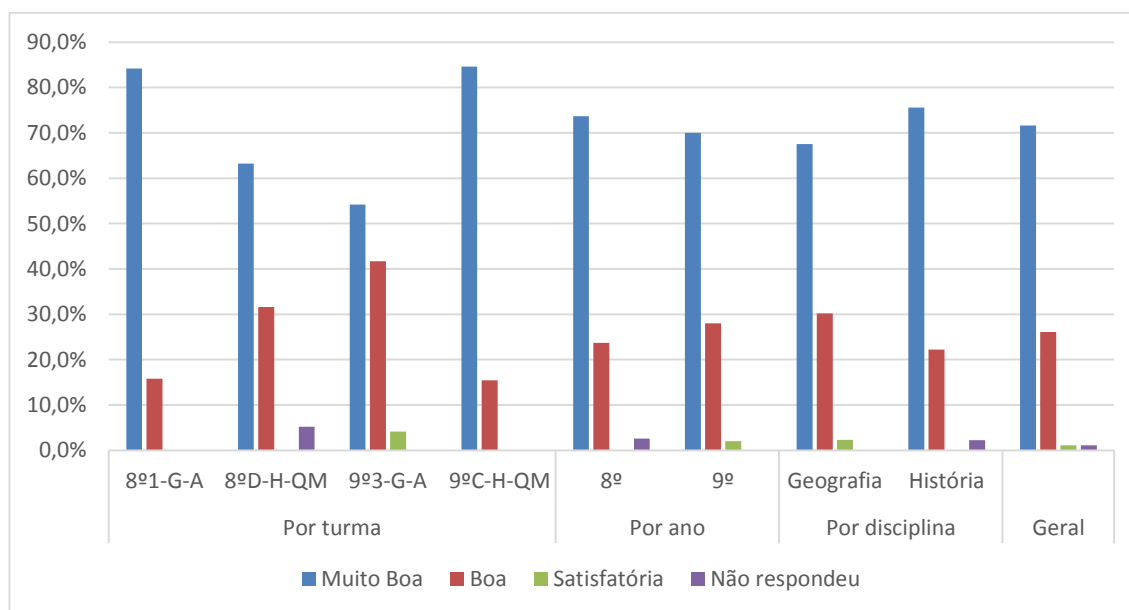


Gráfico 1 – Resultados – Questão n.º 1 (Parte I)

As hipóteses de resposta possíveis variavam entre Muito Boa e Nada Satisfatória, mas os resultados revelaram a inexistência de respostas negativas e situaram-se entre o Muito Boa e o Satisfatório. Neste seguimento e a nível geral, 71,6% dos alunos considerou que o professor soube transmitir muito bem a matéria e 26,1% considerou essa transmissão como sendo boa, ou seja, 97,7% dos resultados são bastante positivos (Gráfico 1).

No que respeita à disciplina foram os alunos de história que atribuíram maior percentagem para o nível máximo (75,6%) comparativamente aos de geografia (67,5%) e sendo a minha formação base em geografia, são resultados que se justificariam facilmente se estivessem invertidos, mas que se explicam pelos resultados atribuídos pela turma do 9º 3.

Em relação aos níveis de ensino, contata-se um grande equilíbrio com o resultado mais elevado a ser atribuído pelas turmas do 8º ano (73,7%) onde lecionei com recurso ao manual escolar, comparativamente às turmas do 9º ano (70%), onde transmiti os conteúdos através de recursos digitais que previamente elaborei.

Por turma, destacam-se pela atribuição do nível máximo o 9º C (84,6%) e o 8º 1 (84,2%), turmas onde lecionei os temas da 2ª Grande Guerra Mundial e a Estrutura Etária da População. Sendo os resultados mais elevados provenientes de duas disciplinas distintas justifico-os pelo interesse quase diário que ambas as temáticas representam para mim e que certamente fizeram transparecer em aula um maior vigor e motivação da minha parte.

A segunda questão pretendeu avaliar a relação entre aluno e professor, sendo as hipóteses de resposta iguais à da questão anterior:

*“2. Consideras que a relação do professor com **a turma** foi:”*

Não obstante o estágio ter sido executado num pequeno espaço temporal e a relação com as turmas ter sido ainda menor (pouco mais de um mês), é sempre importante saber se temos a capacidade de criar empatia e aproximação aos alunos, de certa forma um aspeto com algum relevo e fundamental para que nestas idades possa existir uma maior facilidade na aprendizagem e que pode abrir caminho para o sucesso escolar.

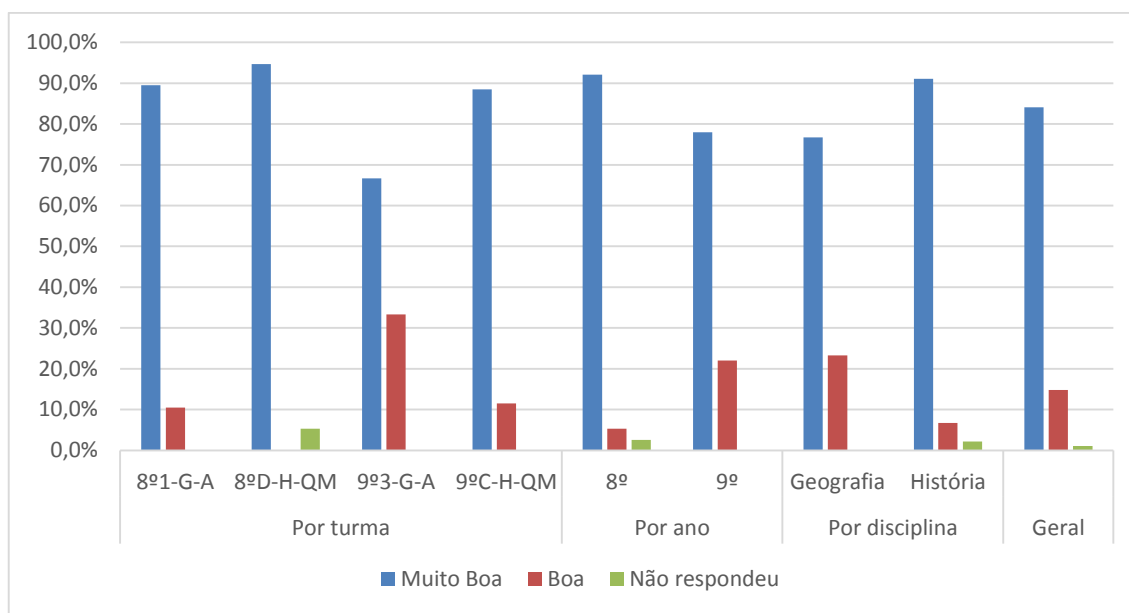


Gráfico 2 – Relação com a Turma

Também para esta temática os resultados alcançados foram muito positivos, fixando-se as respostas em Muito Boa ou Boa. A resposta mais dada foi mesmo a primeira, tendo 84,1% dos alunos considerado que o professor teve uma relação muito boa com a turma (Gráfico 2).

Relativamente às disciplinas, 91,1% dos alunos de História consideraram a relação como muito boa, valor que em Geografia se fixou nos 76,7%.

Por ano letivo, destaca-se o 8º ano com 92,1%, ao passo que o 9º ano esse mesmo valor é de 78%.

Como fora referido anteriormente na caracterização das turmas, o 9º 3 (Geografia – Alvide) constituiu um grupo mais complicado de alunos com interesse pela aprendizagem. Aliado a esse facto e independentemente da relação entre o professor e a turma ter sido positiva, foi o grupo que efetivou os resultados mais baixos (à semelhança da questão anterior), influenciando os valores à disciplina de Geografia e para o 9º ano. A maior parte dos alunos das restantes três turmas avaliaram largamente a relação existente como Muito Boa, com especial destaque para a turma do 8º D de História com 94,7%.

Ainda e no que diz respeito a este aspeto, quando solicitados para explicar o porquê da relação ter sido boa, 42,9% dos alunos limitaram-se a referir “o professor relaciona-se bem com os alunos” (Gráfico 3), uma resposta vaga, mas que evidencia a satisfação relacional que existiu entre ambos. A outra razão apontada prendeu-se com o facto de os alunos, de

uma forma geral, terem compreendido e assimilado os conteúdos (33,3%), um fator que parece ter alguma preponderância para a existência de uma boa relação com as turmas. Estas duas razões foram as que mais sobressaíram ao nível da disciplina, por nível de ensino e por turmas, exceção feita à turma do 8ºD (História) que considerou o facto de o professor criar bom ambiente (27,3%) como a segunda razão que mais justificou esta boa relação existente. Embora com menor relevo, duas outras razões apontadas consistiram no divertimento (nos momentos de quebra da aula) e simpatia do professor.

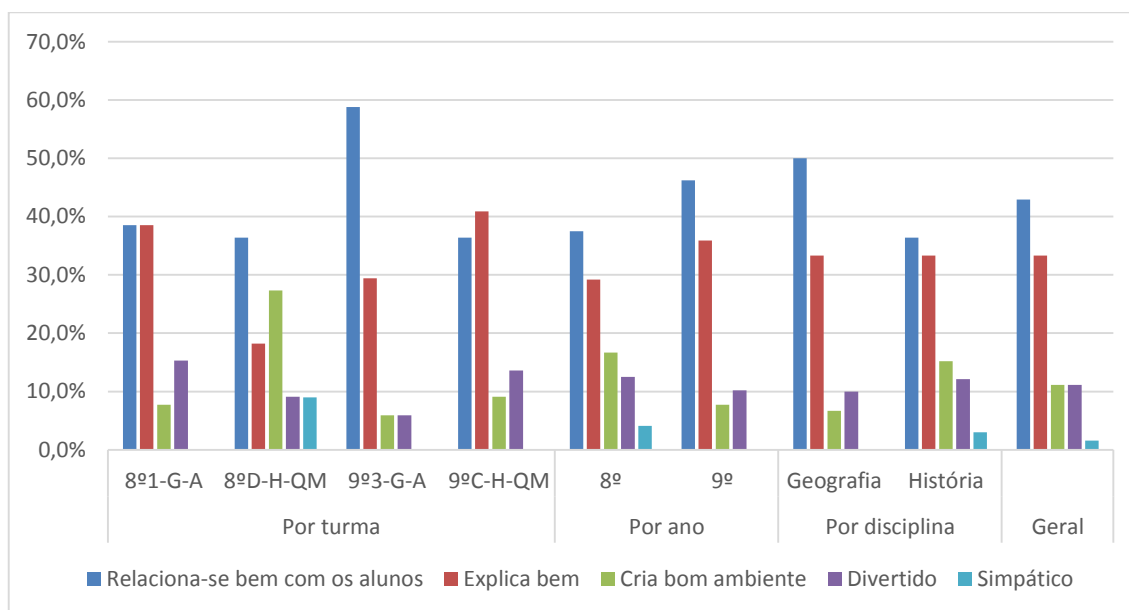


Gráfico 3 – Justificação para a relação com a turma

Nas quatro turmas foi aplicada uma prova de avaliação, no sentido de apurar se a matéria por mim lecionada foi ou não adquirida pelos alunos. A mesma prova teve influência na nota final de período, pelo que não serviu meramente de testemunho para este estudo. De uma forma geral, os resultados foram positivos:

- 8º 1 – Geografia: Vinte alunos realizaram a prova, verificando-se o valor mais elevado nos 91% e o mais reduzido nos 29%. Duas provas foram classificadas com Muito Bom, sete com Bom, nove com Satisfaz e duas com Satisfaz Pouco. A média da prova foi de 66,7%;

- 9º 3 – Geografia: Vinte e quatro alunos realizaram a prova, sendo o valor mais elevado de 95% e o mais reduzido de 21%. Uma prova foi classificada com Muito Bom, quatro com Bom, oito com Satisfaz e onze com Satisfaz Pouco. A média da prova foi de 53,4%;

- 8º D – História: Vinte alunos realizaram a prova. O valor mais elevado foi de 91% e o mais reduzido de 52%. Uma prova foi classificada com Muito Bom, treze foram classificadas com Bom e seis foram classificadas com Satisfaz. Não existiram provas com avaliação negativa. A média da prova foi de 73,8%;

- 9º C – História: Vinte e sete alunos realizaram a prova, sendo o valor mais elevado de 96% e o mais reduzido de 60%. Onze provas foram classificadas com Muito Bom, treze com Bom e três com Satisfaz. Não existiram provas com avaliação negativa e a média da prova foi de 84,7%.

Neste seguimento, a terceira questão do questionário foi referente à avaliação, mais concretamente ao resultado obtido no teste realizado. As possibilidades de resposta foram idênticas às das questões 1 e 2:

*“3. Relativamente à avaliação (teste escrito), de que forma consideras adequado o resultado que obtiveste à tua dedicação e estudo? **Refere** o porquê, no caso de a resposta ser negativa.”*

Neste capítulo e face aos resultados negativos que existiram, 8,3% dos alunos consideraram pouco satisfatório o resultado que obtiveram (Gráfico 4). Esta apreciação teve maior relevo nos alunos de Geografia (10%), comparativamente aos alunos de História (6,8%) e ao nível do 9º ano (10,6%) comparativamente ao 8º (5,4%). Tal facto deveu-se uma vez mais à contribuição da turma do 9º 3, onde 19,1% dos alunos consideraram a sua avaliação pouco satisfatória. A turma do 8º 1 (Geografia) foi a única onde os alunos consideraram na sua totalidade positivamente a avaliação obtida.

Em todo o caso, os resultados mais evidentes demonstram que grande parte dos alunos consideraram a sua avaliação como Muito Boa (41,7%) e Boa (36,9%), verificando-se o mesmo nos restantes níveis de análise. Porém, poder-se-á destacar o 9º C em História, claramente a turma com os resultados do teste escrito mais elevados, o que motivou certamente a que 53,9% dos alunos revelassem que a avaliação foi Muito Boa.

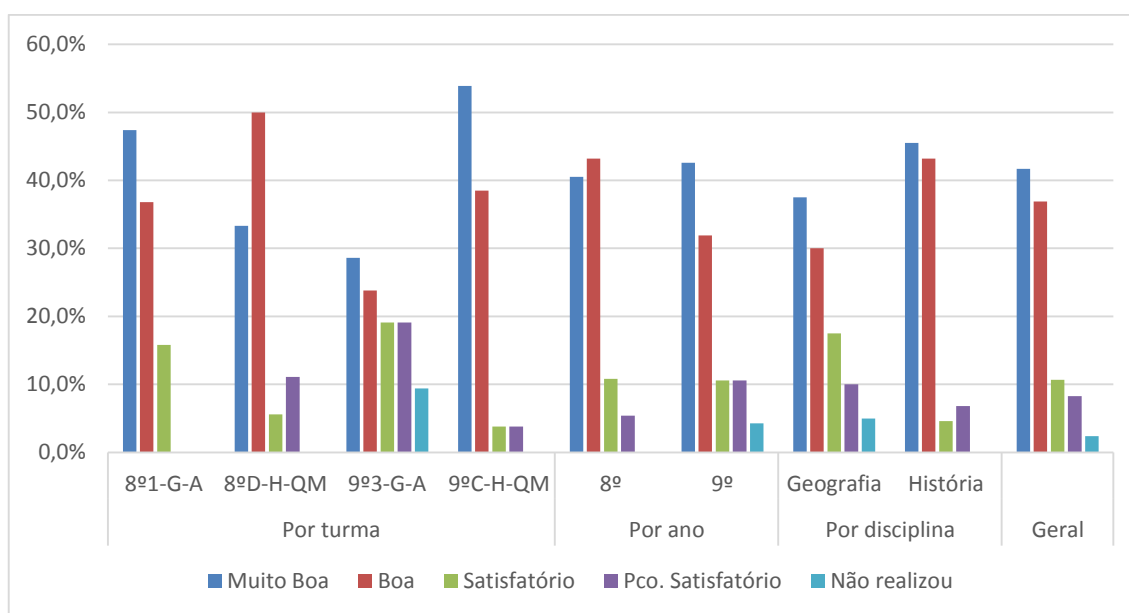


Gráfico 4 – Grau de satisfação com a avaliação escrita

Embora seja uma tarefa sempre complicada ajuizar negativamente alguém com quem simpatizamos, a quarta questão pretendia que os alunos apontassem um ponto fraco e um ponto forte do professor:

“4. Se tivesses de atribuir um ponto forte e um ponto fraco ao professor, o que seria?”

Quando se desempenha a função de professor, é sempre importante compreender o modo como os alunos nos vêm e tentar perceber se efetivamente os nossos pontos fracos podem ser condicionantes à aprendizagem e sucesso nos nossos discentes.

Porém, 69% dos alunos não conseguiram ou sentiram-se inibidos a apontar um ponto fraco ao professor, um valor que foi bastante idêntico para ambas as disciplinas (Gráfico 5). Relativamente aos níveis de ensino, a situação foi ligeiramente diferente, uma vez que no 9º ano, 80% dos alunos não apontaram um ponto fraco e no 8º ano esse mesmo valor fixou-se nos 54,1%. Curiosamente a turma onde se verificou o valor mais elevado foi no 9º 3 (Geografia) com 87,5% a não atribuírem um ponto fraco.

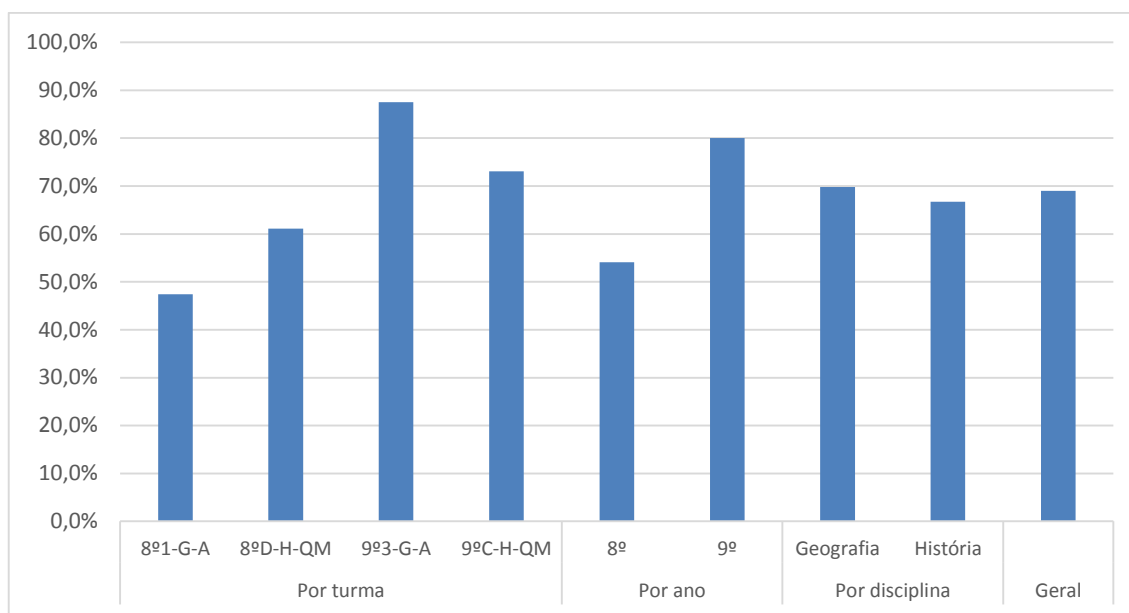


Gráfico 5 – Percentagem de alunos que referiu ausência de pontos fracos no professor

De acordo com a Tabela 1, os principais pontos fracos apontados prendem-se com casos pontuais ocorridos. Por exemplo, na turma do 8º1 (Geografia), os conteúdos programados para as minhas aulas foram de certa forma extensos, pelo que para o seu cumprimento, senti-me na obrigação de acelerar nas aulas finais, o que proporcionou a que alguns alunos apontassem o excesso de matéria dada em pouco tempo como sendo um ponto fraco, não da minha pessoa, mas da sua aprendizagem. Outro exemplo referido pela turma do 8º D (História) refere a ausência de PowerPoint nas aulas, uma vez mais, um apontamento que é relativo às aulas e não ao professor, assim como os 7,7% de alunos do 9º C (História) que atribuíram como ponto fraco do professor o facto de terem tido dificuldade em abrir o PowerPoint para efeitos de estudo.

Tabela 1 – Principais pontos fracos atribuídos pelas turmas

Turma	Pontos Fracos	Percentagem
8º1-G-A	Circula demasiado	15,8%
	Deu muita matéria	15,8%
8ºD-H-QM	Demasiado à vontade	10,5%
	Não mostra PPT	10,5%
9º3-G-A	Cede muito a brincadeiras	4,2%
	"Mandão"	4,2%
9ºC-H-QM	Dificuldade em abrir o PPT	7,7%

O facto de eu ter circulado em aula foi o outro aspeto apontado por 15,8% dos alunos do 8º1 (52,6% desta turma atribuiu um ponto fraco), pelo que sendo esta uma característica que possuo, não foi considerada como um ponto fraco por nenhuma das restantes três turmas, muito embora o “demasiado à vontade” (8º D) e o “cede muito a brincadeiras” (9º 3) já possa ser considerado como um aspeto que faça parte da minha personalidade e que deixo transparecer na sala de aula, pelo que parece ter um efeito menos positivo para alguns alunos.

Tal como fora considerado pelos alunos na questão de cariz relacional (Gráfico 3) o facto de o professor conseguir transmitir de forma eficaz os conteúdos, pode ter uma pequena contribuição na construção do bem-estar da relação aluno-professor. Assim, quando solicitados a atribuir um ponto forte, a contribuição dos alunos foi quase geral, tendo-se verificado apenas 5,8% de alunos que não atribuíram qualquer ponto forte (Gráfico 6), sendo o aspeto mais considerado o facto de o professor comunicar / explicar de forma correta (45,3%), exceção feita à turma do 8º D (História) que considerou como ponto forte ex aequo (27,8%), o “professor é divertido” e “está à vontade”, este último, curiosamente um aspeto apontado igualmente como ponto fraco nesta turma por 10,5% dos alunos que responderam à questão.

Importa referir que não se verificam grandes disparidades entre disciplinas e níveis de ensino, pelo que a boa comunicação, relação e os momentos de quebra aproveitados por mim para estimular a relação (considerados pelos alunos como “o professor é divertido”) constituíram os pontos fortes que me foram atribuídos pelos alunos tendo em conta a minha prestação como professor no âmbito do estágio realizado.

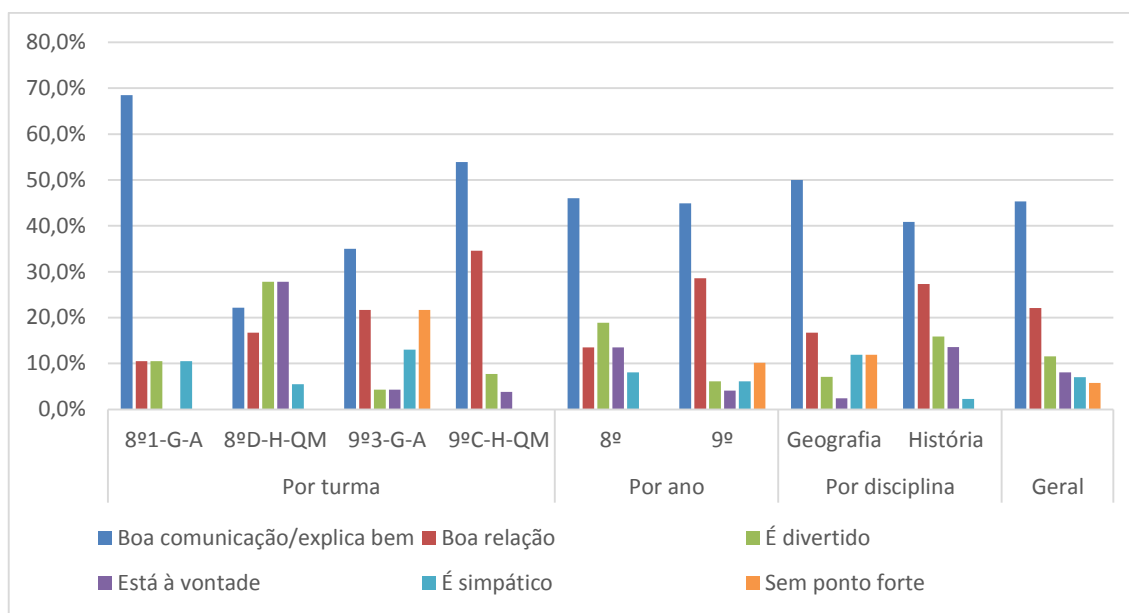


Gráfico 6 – Pontos fortes atribuídos pelos alunos

A última questão referente à primeira parte do questionário pretendeu avaliar de uma forma mais global o meu desempenho profissional, tendo como hipóteses de resposta, Excelente, Bom, Razoável, Fraco e Mau (Gráfico 7).

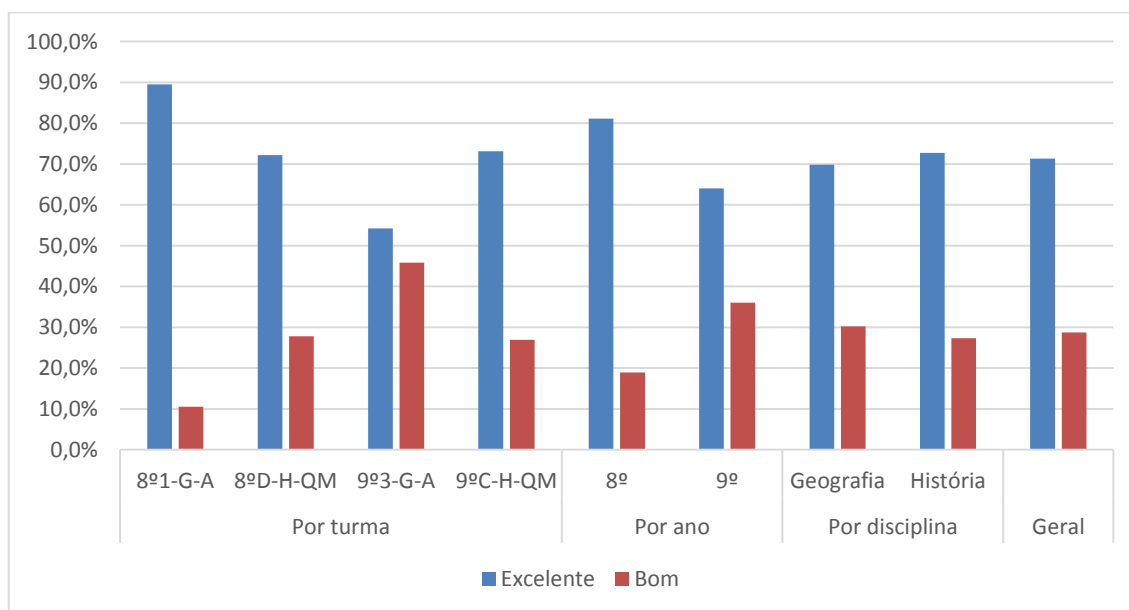


Gráfico 7 – Desempenho geral do professor

Os alunos consideraram apenas as hipóteses de resposta Excelente e Bom, não tendo existido uma única resposta para as restantes. Desta forma, 71,3% dos alunos consideraram o desempenho como Excelente e 28,7% como Bom. Os resultados foram bastante idênticos se compararmos os alunos de História com os de Geografia, mas com percentagens

diferentes quando confrontados os níveis de ensino, uma vez que a turma do 9º 3 (Geografia) manifestou um maior equilíbrio de opiniões nesta resposta (54,2% considerou o desempenho como Excelente e 45,8% considerou como tendo sido Bom). O maior desequilíbrio verificou-se na turma do 8º D (Geografia), onde 89,5% dos alunos consideraram o desempenho geral como Excelente e 10,5% consideraram-no como Bom.

No que respeita à segunda parte do questionário, as perguntas efetuadas tiveram como objetivo o retirar de algumas conclusões no que concerne à utilização dos recursos em aula e em casa pelos alunos.

Relembrando que os alunos do 8º ano foram lecionados com recurso ao manual escolar e que os alunos do 9º ano foram ministrados através de recursos digitais, a primeira questão deste segundo grupo pretendeu avaliar o grau de satisfação dos alunos com o recurso utilizado em aula, sendo as hipóteses de resposta, Excelente, Bom, razoável, Fraco e Mau:

*“1. As aulas do professor Bruno foram lecionadas com recurso ao manual escolar/apresentações digitais (PowerPoint). De uma forma geral, **qual foi o teu** grau de satisfação com a aprendizagem através deste recurso?”*

Verificou-se que as respostas variaram entre o Excelente e o Razoável, com maior evidência (no que respeita à apreciação geral) para o grau de satisfação Bom (53,4%) seguido do Excelente (44,3%), opinião semelhante à verificada pelos alunos de Geografia, onde 60,5% manifestou essa satisfação como sendo Boa e 37,2% considerou-a como Excelente (Gráfico 8).

Relativamente aos alunos de História, o mesmo não aconteceu, havendo maior número de respostas de Excelente (51,1%) em relação ao nível de satisfação avaliado como Bom (46,7%). Isto deve-se em particular aos resultados verificados pela turma do 9º C onde 61,5% dos alunos revelou a satisfação com a aprendizagem através dos recursos digitais como sendo Excelente, o que influenciou os resultados ao nível do 9º ano.

O que é importante é a constatação de que qualquer um dos recursos utilizados teve uma apreciação positiva por parte dos alunos e se efetivamente tivermos de apontar uma consideração mais negativa, poderemos considerar os 5,3% de alunos do 8º ano que consideraram a aprendizagem através do manual escolar como sendo razoável e este talvez seja o aspeto mais negativo que possa ser retirado desta primeira questão.

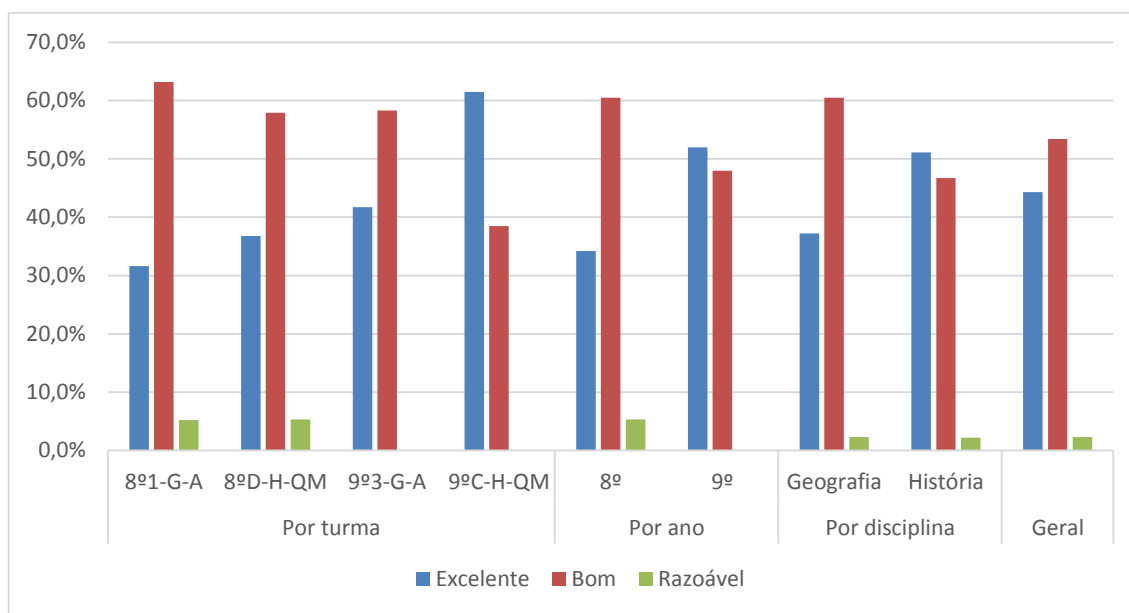


Gráfico 8 – Grau de satisfação com o recurso utilizado em aula

Quando questionados acerca da justificação com a aprendizagem através do recurso (Tabela 2), os alunos que explicaram (20 do 8º ano e 35 do 9º ano), referiram essencialmente a adequada utilização do recurso por parte do professor. Neste sentido, 40% dos alunos do 8º ano referiram que o professor tinha utilizado bem o manual e 34,3% dos alunos do 9º ano afirmaram igualmente o mesmo, mas relativamente à utilização dos recursos digitais.

Tabela 2 – Justificação relacionada com o recurso utilizado em aula

Ano	N.º de alunos que justificaram	Justificação	Percentagem
8º	20	O prof. utilizou bem o manual	40,0%
		O manual tem toda a matéria	30,0%
9º	35	Prefiro rec. digitais	62,9%
		O prof. utilizou bem os rec. digitais	34,3%

No entanto e no que respeita aos alunos do 9º ano, a justificação com maior representatividade com 62,9% foi a preferência pelos recursos digitais. Pude constatar através dos comentários que ouvi, que esta eleição se deve pelo maior dinamismo deste recurso, que permite entre outros, uma maior facilidade em recorrer a outras fontes de informação em tempo real, também elas com grande caráter de dinamismo como é o caso do *Flight Radar*, no qual recorri em Geografia para expor o tráfego aéreo mundial em tempo real. Nas aulas de História relembro por exemplo o *Google Earth* onde apresentei por

fotografia aérea e imagens fotográficas aos alunos o que resta do campo de extermínio de Auschwitz.

Relativamente a esta questão, será ainda importante referir que 30% dos alunos do 8º ano justificaram a satisfação com a aprendizagem através do manual, pelo facto de este conter toda a informação disponível para o estudo.

A segunda questão do grupo II pretendeu averiguar qual o recurso que os alunos têm preferência em utilizar nas aulas das disciplinas de História e de Geografia:

*“2. Se tivesses opção de preferência, **gostarias** que as aulas de História/Geografia, não só do professor Bruno, mas de outros professores, fossem lecionadas preferencialmente com recurso ao (coloca uma cruz – X): manual, apresentação digital, ambas, indiferente, outro.”*

Observando o Gráfico 9, constata-se claramente que há uma tendência para a preferência pela utilização dos recursos digitais em aula (54,6%) em detrimento do uso único do manual (2,3%). Verifica-se de igual modo que há uma noção de que o manual também é fundamental, daí a opção pelo “Ambas” ou “Indiferente”.

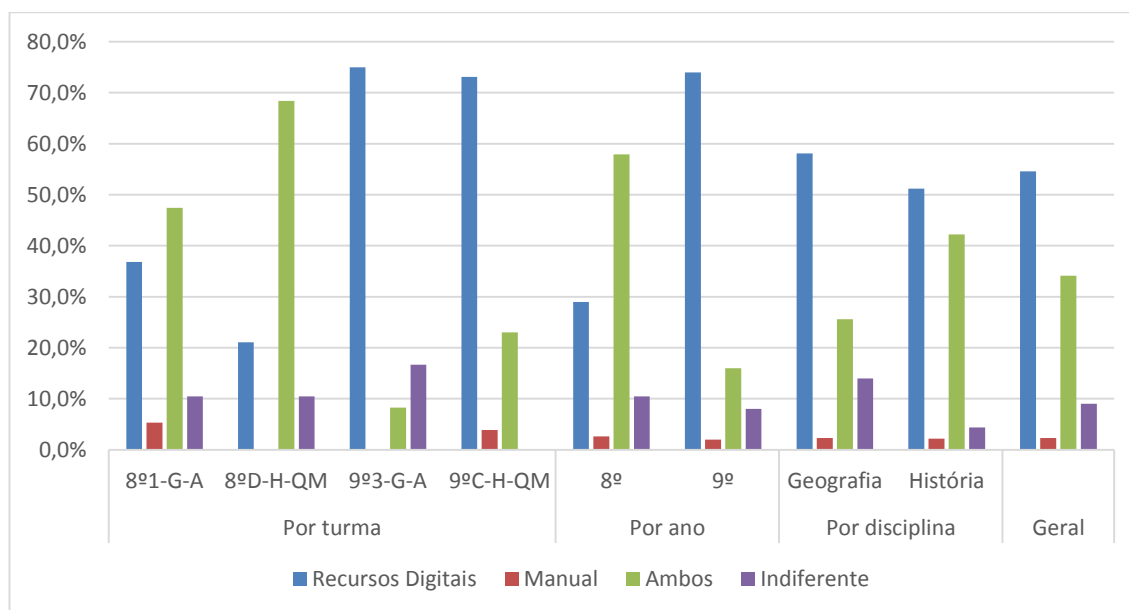


Gráfico 9 – Preferência pelo recurso a utilizar em aula

Relativamente á análise por disciplinas, os resultados para esta questão foram muito idênticos, verificando-se uma vez mais a fraca opção pelo único recurso do manual. No entanto, quando comparados os níveis de ensino, o contraste é mais evidente dado que a preferência pela utilização dos recursos digitais é de 29% para o 8º ano e de 74% para o 9º ano. A opção pelo uso do manual volta a ser de pouca importância, mas muito

provavelmente pelo facto de os alunos do 8º ano terem sido ministrados através do manual escolar não o desvalorizam e 57,9% dos mesmos consideraram que gostam que os professores de História e Geografia lecionem as suas aulas tendo como base os dois recursos.

Esta avaliação por níveis de ensino é muito semelhante ao verificado ao nível das turmas, constatando-se que os alunos do 9º ano têm uma clara preferência pela exposição dos conteúdos através dos recursos digitais e os do 8º ano consideram o gosto por aulas lecionadas através de ambos os recursos.

A terceira questão pretendeu averiguar qual o recurso que os alunos têm preferência em utilizar para efeitos de estudo:

*“3. Considerando que 1 (não gosto), 2 (só se não existir alternativa), 3 (é o que mais gosto) para efeitos do teu estudo para a disciplina de **Geografia/História**, tens **preferência** em estudar utilizando o: caderno diário, manual, apresentação digital, outros.”*

A globalidade dos alunos inquiridos, à semelhança do verificado na questão anterior demonstra uma preferência pelos recursos digitais (50%), mesmo que seja para efeitos de estudo (Gráfico 9). No entanto, o manual ganha uma maior importância nesta análise (31,8%), sendo o caderno diário o recurso preferido para o estudo apenas por 14,8% dos alunos.

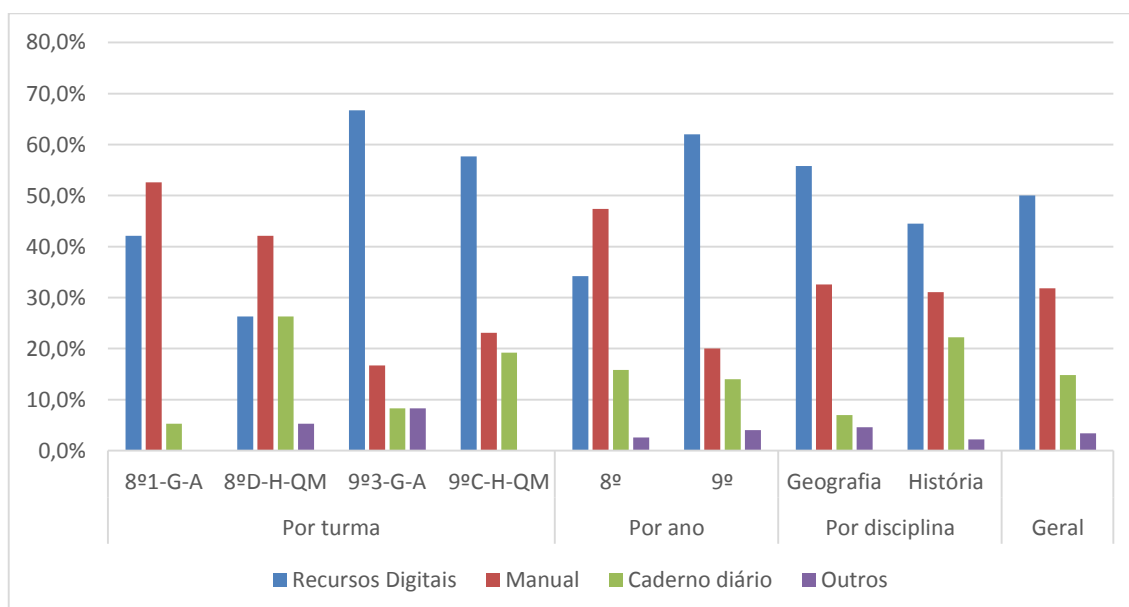


Gráfico 10 – Preferência pelo recurso a utilizar no estudo

No que respeita às disciplinas a situação é igualmente semelhante, com maior relevo para os recursos digitais comparativamente ao manual escolar. Porém, para os alunos de

História (22,2%), o caderno diário parece ter uma maior importância para o estudo comparativamente aos alunos de Geografia (7%).

No que concerne aos níveis de ensino a situação inverte-se para o 8º ano e o manual escolar (47,4%) passa a ter maior importância para o estudo comparativamente aos recursos digitais (34,2%). É neste sentido que quando a análise desta questão é feita ao nível das turmas do 8º ano, se constata a preferência dos alunos no estudo através do manual ao passo que os alunos do 9º ano têm preferência pelo estudo realizado através dos recursos digitais, não descurando o facto de para o 8º (26,3%) e 9º anos (19,2%) de História representarem percentagens significativas de alunos que preferem o uso do caderno diário para o estudo.

Tabela 3 – Justificação relacionada com o recurso preferido para estudar

Recurso	Justificação
Caderno diário	É mais resumido e organizado
Manual	Está tudo bem explicado
Recursos digitais	São mais dinâmicos e fáceis de entender

De acordo com a Tabela 3 a razão que melhor justifica a preferência pelos três recursos, prende-se com o facto de que os recursos digitais “são mais dinâmicos e fáceis de entender”, não esquecendo que estes são muitas vezes construídos pelos próprios docentes compilando a matéria mais importante. Em muitos casos, os docentes acrescentam ainda no recurso digital outros materiais de apoio ao estudo (ex.: associação de *links/websites*).

Os alunos apontam o manual como o recurso onde a matéria se encontra bem explicada, dando-lhes uma certa organização e conforto no momento de estudo para as provas de avaliação. Embora considerem um recurso com menor importância para este efeito, os alunos que recorrem ao caderno diário referem que o fazem pela organização e pelo facto da matéria se encontrar mais resumida.

A última questão do inquérito está relacionada com a compreensão no decorrer de uma aula, existindo três hipóteses possíveis:

“4. Considerando uma vez mais que, 1 (não gosto), 2 (só se não existir alternativa, 3 (é o que mais gosto) achas que **compreendes melhor a matéria de **Geografia/História** ao longo de uma aula se:**

- a) o professor e o aluno utilizarem o **manual** durante a aula. O professor vai chamando a atenção dos aspetos mais importantes, ficando ao critério do aluno **assinalar/sublinhar no manual**;
- b) o professor utilizar **recursos digitais** (ex.: PowerPoint) durante a aula. O professor vai chamando a atenção dos aspetos mais importantes, ficando ao critério do aluno a realização de **apontamentos no caderno diário**;
- c) o professor não necessita de utilizar nenhum recurso. O professor transmite oralmente a matéria, ficando ao critério do aluno a realização de **apontamentos no caderno diário**;"

Nesta última questão ficou uma vez mais evidente a preferência pela utilização dos recursos digitais. Na totalidade dos alunos inquiridos, 68,2% opta pelas aulas dadas através deste recurso, ao passo que o manual é o preferido por apenas 25,9% e a oralidade por 5,9% (Gráfico 10). Os mesmos resultados verificam-se quando comparadas as duas disciplinas, constatando-se apenas o contrário, embora que de forma muito equilibrada, quando comparados os níveis de ensino, muito embora as percentagens sejam muito idênticas (48,7% - manual e 46% - recursos digitais).

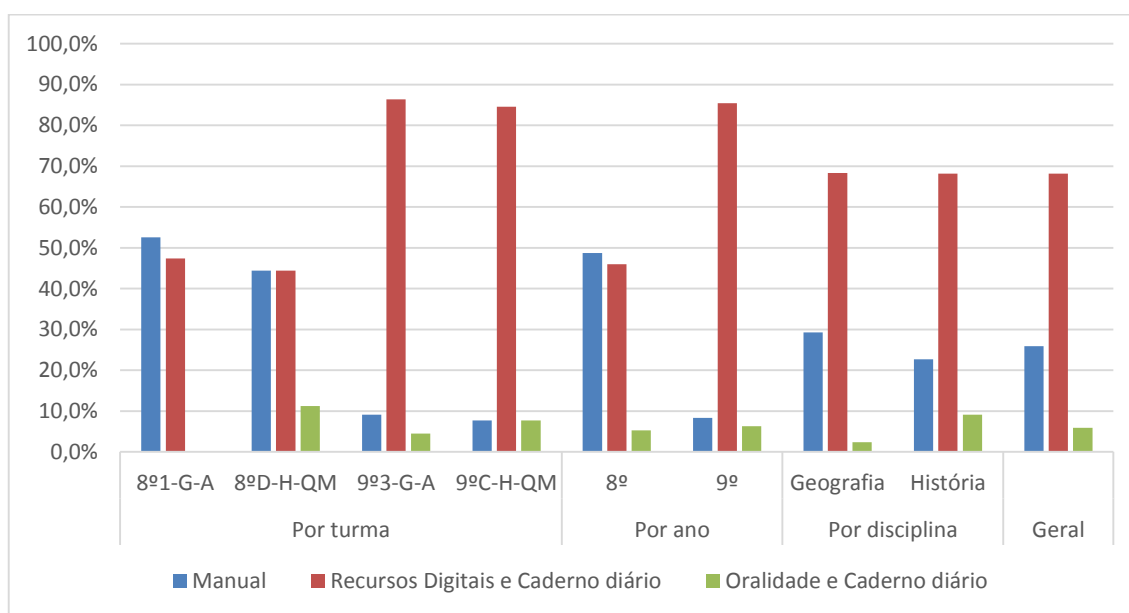


Gráfico 11 – – Recurso que melhor faz compreender a matéria ao longo da aula

Quando comparadas as turmas, há claramente uma tendência para os alunos do 9º ano referirem que compreendem melhor a matéria através dos recursos digitais, ao passo que para os alunos das turmas do 8º ano os resultados são muito equilibrados, verificando-se mesmo uma percentagem idêntica na turma do 8ºD (44,4%).

De facto, um dos aspetos que estes resultados apontam é que os alunos tendem a valorizar o recurso que utilizam em sala de aula, mais ainda quando os resultados da avaliação vão ao encontro das suas expectativas.

Será importante referir que os alunos efetuaram o preenchimento dos inquéritos de forma séria e compreendendo que os mesmos seriam utilizados para efeitos do presente relatório, não se tendo verificado nenhum preenchimento sem conexão, motivo pelo qual todos os inquéritos preenchidos foram validados.

Conclusão

O trabalho desenvolvido neste relatório procurou retirar algumas conclusões acerca da importância que os alunos e o professor atribuem ao uso do manual escolar. No que respeita ao professor, procurei ao longo do estágio efetuado, retirar comparações com a minha anterior experiência profissional (quatro anos de ensino), onde sempre me centrei no uso do manual como principal recurso.

Inicialmente e para a execução deste relatório tinha idealizado que a prestação do professor em sala de aula poderia ser influenciada negativamente pela utilização de diferentes recursos, mais concretamente no que respeita à transmissão dos conhecimentos e isto se, o docente não se sentisse confortável com a sua utilização. Porém e no decorrer das aulas não senti qualquer diferença na exposição através dos recursos digitais e o facto de ter construído as apresentações de raiz, permitiu-me exibir a matéria de uma forma mais personalizada, conseguindo agrupar em *PowerPoint* informações que escapam aos manuais escolares e que acabaram por enriquecer os conteúdos e consequentemente as aulas.

A construção personalizada de um recurso digital pode ser visualmente mais apelativo para os alunos mas exige muito tempo investido para a sua elaboração e uma vez que o tempo disponível é escasso, nunca anteriormente tinha recorrido a esta forma de expor a matéria. Não obstante ter achado esta experiência uma mais-valia, considero o manual escolar como o recurso chave, permitindo a construção de outros recursos como os *PowerPoint* e auxiliando nos apontamentos do Caderno Diário. Estamos a falar de um recurso cujos conteúdos estão organizados, com pontos-chave, com sugestões/curiosidades que podem ser transmitidos aos alunos enriquecendo a aula. Os exercícios disponibilizados e estrategicamente bem localizados entre temas, permitem ao docente a sua utilização cada vez que se justifique, podendo ser uma forma de nos certificarmos que os alunos assimilaram a matéria.

A construção de qualquer recurso digital será de uma forma geral baseado na informação contida num determinado manual escolar. Deste modo considero que os conteúdos de um *PowerPoint*/Caderno Diário funcionam positivamente, mas espelham a representação de um outro recurso (manual escolar), que por sua vez foi adotado pela

Escola, por cumprir as exigências de certificação provenientes do Ministério da Educação e Ciência.

Também pelo seu carácter dinâmico, os recursos digitais podem ser mais propícios a que o docente se desvie dos conteúdos que importa serem abordados, facto que poderá desencadear um efeito negativo nos alunos, tornando as aulas pouco produtivas e conduzindo ao seu insucesso. À semelhança do que por vezes ocorre quando utilizo o manual escolar, senti igualmente com os recursos digitais o entusiasmo de poder referir determinados aspetos que não estão planeados e que se podem tornar úteis para a aula num dado momento. No entanto e se este acréscimo ao tempo de aula não for bem regulado, pode causar o incumprimento do Plano de Aula, sendo os alunos os elementos mais prejudicados com essa situação.

Não obstante ser esta a avaliação que faço relativamente à importância do manual escolar para o docente, a opinião dos alunos é também ela importante e por vezes sem o tipo de exercício feito neste relatório, nunca nos apercebemos de determinados aspetos que possuímos e que apenas eles, por estarem diante de nós, nos podem apontar.

De facto, o *feedback* proveniente dos inquéritos realizados é bastante positivo e muito embora estes resultados sejam fundamentalmente baseados na minha prestação como docente (assim como a primeira parte desta conclusão se deve ao experienciado por mim no estudo que me propus realizar), existem determinados aspetos que podem ser indicativos das necessidades atuais dos alunos do 3º Ciclo.

Relembro o facto de o estágio ter sido realizado em duas escolas inseridas em duas realidades totalmente distintas, com uma tipologia de alunos cuja diferença era evidente. Porém e em ambas as escolas, a postura que adotei foi a mesma que apresentei enquanto exerci a atividade de docente e que nada mais é do que o espelho da minha forma de estar enquanto pessoa. Não esquecendo o facto de estar num estágio e respeitando sempre o papel dos meus orientadores, apresentei-me de forma simpática, transmiti e recebi conhecimentos, mostrei-me acessível ao longo das aulas, brinquei com os alunos em momentos de pausa oportuna e obtive resultados positivos no momento de avaliação.

De acordo com a informação retirada dos inquéritos, uma grande percentagem de alunos consideraram a relação com o professor e a transmissão dos conhecimentos como

tendo sido muito boa, pelo que se associarmos estes dois fatores, relação vs transmissão de conhecimentos, nos permite tirar a elação de que à partida, se os alunos estabelecerem uma relação saudável com o docente, poderão ser mais capazes de absorver os conteúdos transmitidos pelo professor, independentemente do recurso que esteja a ser utilizado. De facto, a avaliação feita pelos alunos demonstra que não há qualquer variação na minha prestação com o manual comparativamente aos recursos digitais.

Os aspetos que se poderão considerar como sendo negativos prendem-se com a insatisfação por parte de alunos no que respeita à avaliação. Muito embora parte significativa dos resultados obtidos seja claramente positivo, alguns alunos demonstraram a sua insatisfação pelo valor obtido, que em determinados casos se deveu à falta de estudo/desinteresse pela escola. E não considerando os pontos fracos como um aspeto negativo, mas sim, como um aspeto construtivo, os alunos apontaram duas situações que importa não passarem despercebidas, até porque, são eles o nosso público e é para eles que desejo continuar a trabalhar.

A primeira situação prende-se com o excesso de matéria dada em determinadas aulas. É certo que tinha um Plano de Aula para cumprir, mas este ponto fraco que os alunos me apontaram já o tinha executado anteriormente, fora do estágio, exercendo as funções de docente noutros estabelecimentos escolares, pelo que considero um aspeto que terei de melhorar. Ele foi apontado pelo facto de em determinados momentos, para cumprir as planificações dentro dos prazos estabelecidos, ter de apressar a matéria, mas até então, nunca me tinha apercebido da pressão que esta situação provoca nos alunos e no facto de que essa pressão se traduz numa fraca assimilação da matéria e consequentemente em resultados menos positivos.

A outra questão apontada refere-se ao excesso de à vontade que foi igualmente apontado como um ponto forte. No entanto, pude constatar que alunos, cuja personalidade é mais fechada, podem sentir-se constrangidos quando colocados numa situação de relevo perante os outros colegas. Apesar de ser quase residual, foi muito importante este tipo de apontamento, fazendo-me ganhar uma certa sensibilidade que até então me passava despercebida.

Não obstante estas situações terem sido apontadas, os alunos consideraram que o desempenho geral foi positivo, não existindo referencias na primeira parte do inquérito que

evidenciem que a minha prestação foi influenciada devido à utilização de um dos recursos, o que não quer dizer que os alunos não tenham as suas preferências.

Independentemente de se ter constatado, tanto para o manual escolar como para os recursos digitais, que o grau de satisfação com a sua utilização foi elevado, os alunos tendem a optar para que as aulas sejam ministradas por aquele que consideram trazer mais dinamismo para a sala de aula, os recursos digitais. Contudo, nota-se que para efeitos de estudo, o manual ganha preponderância, uma vez que, como alguns alunos referem, “o manual tem a matéria toda”.

Poder-se-á também afirmar que os alunos do 8º ano, ao utilizarem o manual escolar na sala de aula, valorizaram-no muito mais comparativamente aos alunos do 9º ano, o que poderá significar que se o docente estiver a utilizar bem o recurso e os alunos estiverem a assimilar de forma correta os conteúdos, os alunos vão revelar satisfação pela utilização desse recurso, o que demonstra também que os alunos tendem a valorizar o recurso com o qual trabalham. Relativamente à utilização, dever-se-á apostar na conjugação do manual escolar e dos recursos digitais de forma alternada, de modo a tornar as aulas diversificadas e mais estimulantes, capacitando os alunos a trabalhar e a estudar através de ambos os recursos.

Posto isto, parece-me correto considerar que a utilização do recurso A ou B para a transmissão de conhecimentos aos alunos do 3º Ciclo tem uma menor importância, quando comparado com a postura do docente em relação à turma. Há evidências neste estudo que parecem afirmar que um docente com uma maior aproximação relacional aos alunos capta com maior facilidade a sua atenção, o que poderá significar uma satisfação pela aprendizagem e o consequente sucesso escolar.

“O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida” (Delors, p.155).

Bibliografia

Agrupamento de Escolas de Alvide (2013). Projeto Curricular – Agrupamento de Escolas de Alvide 2013 / 2014, Alvide;

(<http://www.esalvide.edu.pt/wpcontent/uploads/2014/02/ProjectoCurAgrup1314.pdf> último acesso 30.07.2014);

Amaral, Cláudia *et. al.* (2013). Descobrir a História 8, Porto Editora, Porto;

Delors, Jaques *et. al.* (1996). Educação Um Tesouro a Descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO. Cortez Editora, Janeiro de 1998, São Paulo.

(<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf> último acesso 30.07.2014);

Escola Secundária Quinta do Marquês (2012). Projeto Educativo de Escola (2012 / 2015), Oeiras;

(<http://www.esqm.pt/documentos/PEE-12-15.pdf> último acesso 30.07.2014);

Ferreira, Eurico (2010). O uso dos audiovisuais como recurso didático, Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

(<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55002/2/tesemesteuricoferreira000123322.pdf> último acesso 30.07.2014);

Gonçalves, Joana (2011). O uso do manual escolar enquanto recurso promotor do desenvolvimento de competências históricas, Relatório Final do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.

(<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57058> último acesso 21.07.2014);

Lima, João (2010). Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso, Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de História e de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

(<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15093> último acesso 21.07.2014);

Martinha, Cristiana (2008). O Ensino da Europa nos Manuais Escolares de Geografia (1980-2006) – Entre a Utopia e a Necessidade, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito do Mestrado de História e Educação, Porto.

(<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22275> último acesso 21.07.2014);

Martinha, Cristiana (2010). Serão os Manuais Escolares de Geografia suficientemente competentes para desenvolverem as competências geográficas nos nossos alunos? – um estudo centrado em manuais escolares de Geografia de 3.º ciclo do Ensino Básico, in, Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia, 6 a 9 de Outubro 2010, Faculdade de Letras (Universidade do Porto), Porto.

(<http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/111.pdf> último acesso 21.07.2014);

Matos, Maria João e Castelão, Rui (2007). À Descoberta – 8º ano, Tema C e D. Santillana, Carnaxide;

Menezes, Natércia (2012). Motivação dos alunos com e sem utilização das TIC em sala de aula, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.

(<http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/motivacaodealunostic.pdf> último acesso 30.07.2014);

Observatório dos Recursos Educativos (2014). Por uma utilização criteriosa dos recursos digitais em contextos educativos – Um balanço de investigações recentes, Porto;

(http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/EstudoORE_RecursosDigitaisemContextosEducativos.pdf último acesso 30.07.2014);

Rico, Ana (2010). Perfil do Professor. A (in)sustentável diferença de Ser Professor, Hoje, Dissertação apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, Lisboa.

(<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/1200/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20-%20Ana%20Maria%20Rico.pdf?sequence=1> último acesso 30.07.2014);

Savi, Rafael (2009). Utilização de projecção multimídia em salas de aula: observação do uso em três escolas públicas, XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Florianópolis, Santa Catarina.

(http://www.certi.org.br/images/stories/ccd/Artigo_Savi.pdf último acesso 30.07.2014);

Seguin, Roger (1989). L'élaboration des manuels scolaires, Guide méthodologique, Division des sciences de l'éducation contenus et méthodes, Unesco, Paris.
(http://www.unesco.org/education/pdf/55_16_f.pdf último acesso 21.07.2014);

Sousa, Ana (2013). As TIC no ensino profissional: utilização na sala de aula das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelos alunos, CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
(http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP155_Sousa.pdf último acesso 30.07.2014);

Terrasêca, Manuela (1996). Referências Subjacentes à estruturação das práticas docentes, Análise dos discursos dos/as professores/as, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto;

Tormenta, José (1999). Os professores e os manuais escolares, Um estudo centrado no uso dos manuais de Língua Portuguesa, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Animação e Gestão da Formação, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto;

Legislação:

- Decreto-Lei n.º 369/90 de 26 de novembro emitido pelo Ministério da Educação e que Estabelece o sistema de adoção, o período de vigência e o regime de controlo de qualidade dos manuais escolares, revogando o Decreto-Lei n.º 57/87, de 31 de janeiro;

Webgrafia:

- Ministério da Educação e Ciência: Grelhas de adoção de manuais escolares:
<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=355#i> (último acesso 30.04.2014);
- Ministério da Educação e Ciência: Lista de manuais certificados para o ano letivo de 2014/2015:
<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=347> (último acesso 30.04.2014).

ANEXOS

Anexo 1**Lista de Manuais Certificados para o ano escolar de 2014/2015****Geografia – 7º ano (13 manuais)**

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	@Ideia.GLOBAL 7	Cláudia Lobato	€ 18.51
	Geo Sítios 7	Isabel José Coelho	€ 18.51
Asa Editores II, SA	Lugares 7 - Geografia 7.º ano Nova Edição	Ana Cristina Marques	€ 18.52
	Novo Espaço Geo 7 - Geografia 7.º ano Nova Edição	Fernando Santos	€ 18.52
Didáctica Editora, Lda.	GEO Diversidades - 7.º Ano	Elisa Amado	€ 18.43
Lisboa Editora, S.A / Raiz Editora	Novas Coordenadas 7	José Silva Lobo	€ 18.51
Plátano Editora, Lda.	Sem Fronteiras - 7.º Ano	Cristina Domingos	€ 18.53
	A Minha Terra - 7.º Ano	Carlos Moucho	€ 18.04
Porto Editora, Lda.	GPS 7 - Geografia	Eva Ribeiro	€ 18.51
	Fazer Geografia 3.0 - 7º Ano	Ana Gomes	€ 18.51
SANTILLANA	DESAFIOS Geografia 7.º Ano	Maria João Matos	€ 18.50
Sebenta – Editora e Distribuidora, S.A.	+ Geo 7 - Geografia 7.º ano Nova Edição	Alexandra Nunes	€ 18.52
Texto Editores, Lda.	Mapa-Mundo - Geografia 7.ºano Nova Edição	Arinda Rodrigues	€ 18.52

História - 7º ano (9 manuais)

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	Viagem na História 7	Joana Cirne	€ 21.80
	Gentes na História 7	Ana de Sousa	€ 21.80
Asa Editores II, SA	Páginas da História 7 - História 7.º ano Nova Edição	Aníbal Barreira	€ 21.80
Lisboa Editora, S.A /Raiz Editora	Hora H 7	Custódio Lagartixa	€ 21.80
	História Sete	Adérito Tavares	€ 21.80
Porto Editora, Lda.	Missão: História 7	Cláudia Amaral	€ 21.80
	Novo Viva a História! 7	Cláudia Pinto Ribeiro	€ 21.80
SANTILLANA	DESAFIOS História 7.º Ano	Helena Neto	€ 21.78
Texto Editores, Lda.	O fio da História 7.º ano Nova Edição	Ana Oliveira	€ 21.80

Geografia - 8º ano (12 manuais)

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	@Ideia.GLOBAL 8	Cláudia Lobato	€ 18.04
	Geo Sítios 8	Daniela Azevedo	€ 18.04
Asa Editores II, SA	GeoDescobertas 8	José Lobo	€ 18.04
Didáctica Editora, Lda.	Geodiversidades 8.º Ano	Elisa Amado	€ 18.04
Lisboa Editora, S.A /Raiz Editora	GEOvisão 8 - Geografia	Cacilda Basto	€ 18.04
Plátano Editora, Lda.	A Minha Terra 8.º Ano	Carlos Moucho	€ 18.04
	Sem Fronteiras 8.º Ano	Cristina Domingos	€ 18.04
Porto Editora, Lda.	Fazer Geografia 3.0 - 8º Ano	Ana Gomes	€ 18.04
	GPS 8 - Geografia	Eva Ribeiro	€ 18.04
SANTILLANA	DESAFIOS Geografia 8.º Ano	Maria João Matos	€ 18.04
	GEOGRAFAR 8.º Ano	Joana Fernandes	€ 18.04
Texto Editores, Lda.	Mapa-mundo 8 - Geografia 8.º Ano	Arinda Rodrigues	€ 18.04

História - 8º ano (8 manuais)

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	Viagem na História 8	Joana Cirne	€ 19.84
Asa Editores II, SA	Páginas da História 8 - História 8.º ano	Aníbal Barreira	€ 19.84
Lisboa Editora, S.A /Raiz Editora	Hora H 8	Custódio Lagartixa	€ 19.84
	História Oito	Adérito Tavares	€ 19.84
Porto Editora, Lda.	Novo Viva a História! 8	Cláudia Pinto Ribeiro	€ 19.84
	Missão: História 8	Cláudia Amaral	€ 19.84
SANTILLANA	DESAFIOS História 8.º Ano	Helena Neto	€ 19.84
Texto Editores, Lda.	O Fio da História 8 - História 8.º Ano	Ana Oliveira	€ 19.84

Geografia - 9º ano (7 manuais)

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	Faces da Terra 9	Isabel José Coelho V.Ribeiro	€ 18.04
Asa Editores II, SA	Espaço Geo 9 (2 vol.)	Fernando Santos	€ 18.05
Didáctica Editora, Lda.	GeoDiversidade - temas 5 e 6	Elisa Amado	€ 18.06
Plátano Editora, Lda.	Geografia - Temas 5 e 6	Cristina Domingos	€ 18.06
Porto Editora, Lda.	Fazer Geografia 9	Ana Gomes	€ 18.04
SANTILLANA	À DESCOBERTA 9	Maria João Matos	€ 17.82
Texto Editores, Lda.	Viagens 9	Arinda Rodrigues	€ 18.05

História - 9º ano (7 manuais)

Editora	Nome	Autor Principal	Preço
Areal Editores, SA	Cadernos de História 9	Joana Cirne	€ 19.50
Asa Editores II, SA	Sinais da História 9º	Aníbal Barreira	€ 19.52
Lisboa Editora, S.A /Raiz Editora	História Nove	Adérito Tavares	€ 19.50
Porto Editora, Lda.	Descobrir a História 9	Bárbara Alves	€ 19.50
	Viva a História! 9	Cristina Maia	€ 19.50
SANTILLANA	VIVER A HISTÓRIA 9	Helena Neto	€ 19.24
Texto Editores, Lda.	Novo História 9	Ana Oliveira	€ 19.52

Fonte: Ministério da Educação e Ciência

Anexo 2

Inquérito aos Alunos

Nota prévia: O presente questionário enquadra-se no âmbito das aulas efetuadas pelo professor Bruno Vaz e visa conhecer a tua opinião sobre a prestação do Professor (**Parte I**) e averiguar a importância que atribuis ao manual de Geografia/História (**Parte II**). É importante que respondas de forma consciente! A tua opinião será tida em consideração no relatório que o professor entregará na Universidade.

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

O professor deverá saber transmitir a matéria e ao mesmo tempo, saber relacionar-se com os alunos.

Parte I – Prestação do Professor

1. Tendo em conta a matéria lecionada, de que forma consideras que o professor Bruno soube transmitir a matéria á **à turma**? **Refere** o porquê, no caso de a resposta ser negativa.

☐ Muito Boa ☐ Boa ☐ Satisfatória ☐ Pouco Satisfatória ☐ Nada Satisfatória

Observações: _____

2. Consideras que a relação do professor com **a turma** foi:

☐ Muito Boa ☐ Boa ☐ Satisfatória ☐ Pouco Satisfatória ☐ Nada Satisfatória

Porquê? _____

3. Relativamente à avaliação (teste escrito), de que forma a consideras adequado o resultado que obtiveste à tua dedicação e estudo? **Refere** o porquê, no caso de a resposta ser negativa.

☐ Muito Bom ☐ Bom ☐ Satisfatório ☐ Pouco Satisfatório ☐ Nada Satisfatório

Observações: _____

4. Se tivesses de atribuir um ponto forte e um ponto fraco ao professor, o que seria?

Ponto Fraco: _____

Ponto Forte: _____

5. Avaliando o desempenho geral, **consideras** que o professor Bruno foi:

☐ Excelente ☐ Bom ☐ Razoável ☐ Fraco ☐ Mau

Observações: _____

Parte II – O Manual de Geografia/História

1. As aulas do professor Bruno foram lecionadas com recurso ao manual escolar / a apresentações digitais (*Power Point*). De uma forma geral, **qual foi o teu** grau de satisfação com a aprendizagem através deste recurso?

☐ Excelente ☐ Bom ☐ Razoável ☐ Fraco ☐ Mau

Porquê? _____

2. Se tivesses opção de preferência, **gostarias** que as aulas de **Geografia/História**, não só do professor Bruno, mas de outros professores, fossem lecionadas preferencialmente com recurso ao (coloca uma cruz – **X**):

Manual: _____ Apresentação digital: _____ Ambas: _____ Indiferente: _____

Outro (refere qual): _____

Observações: _____

3. Considerando que 1 (Não gosto), 2 (Só se não existir alternativa), 3 (É o que mais gosto) para efeitos do teu estudo para a disciplina de **Geografia/História**, tens **preferência** em estudar utilizando o:

☐ Caderno Diário ☐ Manual ☐ Apresentação digital ☐ Outros (Qual? _____)

Porquê? _____

4. Considerando uma vez mais que, 1 (Não gosto), 2 (Só se não existir alternativa), 3 (É o que mais gosto) achas que **compreendes** melhor a matéria de **Geografia/História** ao longo de uma aula se:

☐ o professor e o aluno utilizarem **o manual** durante a aula. O professor vai chamando a atenção dos aspetos mais importantes, ficando ao critério do aluno **assinalar/sublinhar no manual**;

☐ o professor utilizar **recursos digitais** (ex.: *Power Point*) durante a aula. O professor vai chamando a atenção dos aspetos mais importantes, ficando ao critério do aluno a realização de **apontamentos no caderno diário**;

☐ o professor não necessita de utilizar nenhum recurso. O professor transmite oralmente a matéria, ficando ao critério do aluno a realização de **apontamentos no caderno diário**.

Obrigado! 😊

Bruno Vaz